

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
 Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
 ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
 Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
 JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
 Redacção, composição e impressão
 RUA LUT SORIANO, 44
 TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

RENÉ La Bruyère, um especialista de questões navais, insiste neste ponto, que está aliás fazendo carreira não só nos países hostis à Inglaterra, mas, exactamente por isso, na propria Inglaterra:

— O espirito insular inglês, pressupondo uma hegemonia naval eterna, já não basta para resolver os problemas que interessam ao prestigio inglês.

Mais do que os sarcasmos mal contidos de Hitler — mesmo depois do minuto de amor de Munich —, os factos parecem provar que a Inglaterra tem uma frota e que lhe falta qualquer coisa.

Por detrás das grandes bases imperiais da Inglaterra — seja Hong-Kong, seja Haifa, seja Gibraltar, ha sempre um segundo país que dispõe daquilo que a Grã-Bretanha se tem esquecido: um exercito e uma aviação suficiente.

La Bruyère escreve concretamente: «Tudo se reduz à criação de um exercito nacional. Se a Grã-Bretanha esquece a lição de que acontecimentos se desenrolam com uma velocidade espantosa, se ela não quere, como outros povos, fazer a circunscrição, as ilhas britânicas perdem a hegemonia mundial, e, com essa, hegemonia perdida, vão-se as ultimas esperanças da paz.

Não ha um minuto a perder para salvar o Imperio, mas a Inglaterra tem em si bastantes recursos para se supor que não seja ainda tempo».

Vê-se assim, segundo La Bruyère, que a força perene da Inglaterra é uma condição para a paz do mundo, e que vale mais que certos comodismos de adaptação à força alheia.

* * *

ACAMARA Municipal de Mação e a Junta de freguesia de Cardigos telegrafaram ao nosso director agradecendo-lhe as justas referencias que fez ao facto de se procurar imprimir á estrada 54 — 2.ª, rumo diverso daquele que lhe está marcado ha mais de meio seculo, o que se pretende evitar em nome não só do bom senso como de interesses legitimos e respeitaveis.

* * *

NA referencia que ontem fizemos ao ultimo livro de Luiz de Oliveira Guimarães esquecemo-nos de mencionar exactamente o titulo da obra, que revela o espirito ironico e bem humorado do autor: «Entre nós, que ninguém nos ouve...».

* * *

FOI concedida a medalha de ouro de comportamento exemplar ao sr. dr. Martinho Pedro Dorado Rosado, director de serviço clinico (serviço geral de clinica cirurgica) dos Hospitais Civis.

O escritor e a obra

Um caso discutidissimo, esse de julgar vantajoso ou não vantajoso o conhecimento da vida dos escritores e artistas, para melhor entender e penetrar a essencia das suas obras.

Ha quem as afirme interdependentes, ha quem as considere, senão antagonicas, bem distintas uma da outra. Criterios que, segundo me parece, não podem facilmente harmonizar-se. Mas o perigo do primeiro, aliás muito adoptado nos tempos de hoje, ninguém o ignora: — consiste em alimentar a curiosidade bisbilhoteira de quantos, incapazes de interpretar e abranger a grandesa da criação literaria ou artistica, preferem descer á indiscrição zumbidora, e indagar e proclamar defeitos, erros, culpas e miserias dos homens célebres.

Supõem e declaram, depois, que assim explicam aquela de maneira mais completa e mais aguda. Puro engano, a final. Nem todas as personalidades construtivas — ou, mesmo, quasi nenhuma — revelam através das vicissitudes da existencia o valor e significado da obra que nos oferecem ou nos legam. Conta-se que Vitor Hugo foi avarento, Camões bastante estroina, Antonio Nobre insuportavel de orgulho. Será certo? E que o seja! A «Lenda dos Seculos», os «Lusiadas», o «Só», perdem, por isso, beleza, graça, força, frescura, esplendor epico ou lirico? Ninguém o acreditará. O melhor é cada um dizer e desejar o que diz Julien Benda: — «quereria que se falasse dos meus escritos como se os tivessem achado numa garrafa atirada ao mar». E servir-se de igual conceito para apreciar e meditar a obra alheia. Tudo o mais é superfluo e até em determinadas circunstancias, inconvenientissimo. Deminue, na maioria das vezes, a admiração que votavamos ao genio ou ao talento, dissecado, nas suas inevitaveis inferioridades humanas, pela furia iconoclata dos curiosos de profissão.

Faz pior, ainda: — desvirtua o sentido da obra, sujeitando-a em excesso à opinião que formamos do autor. E, no entanto, este é na sua obra, unicamente na sua obra, que se mostra, que se exprime — tal qual sente, sonha e quere. Despoja-se das contingencias diarias, liberta-se das obrigações e fraquezas cotidianas, e dá-nos o melhor da sua alma, do seu pensamento, do seu anseio vitorioso. Triunfo, nobreza, gloria — não residem para ele em atitude e aspiração diversas. Ai se ergue à sua altura secreta, ai domina os proprios instintos e as tentações efemerias, ai ganha a energia superior que lhe permitirá os vôos mais arrojados e vertiginosos. O espelho limpido, a imagem exacta da sua verdadeira vida está, de facto, na sua obra. Não importa que elas de quando em quando se oponham, se neguem mutuamente. O escritor e o artista, dignos dêsse nome, não merecem que a posteridade os olhe sob o aspecto fragil e transitorio das acções e tendencias pereciveis. Mas, exclusivamente, nos traços eternos da fisionomia que retratam e fixam os momentos definitivos e conceitos do seu esforço criador.

JOÃO DE BARROS

JA em tempos o «Diário de Lisboa» se referiu aos exploradores de crianças pobres que obrigam a esmolar pelas ruas da cidade, maltratando-as, quando elas não reúnem a quantia a que são obrigadas.

Ontem, nas ruas que conduzem aos cemiterios, o espectáculo indecoroso e deshumano excedeu tudo quanto se possa imaginar. Apareceram megeras — falsas mães, com olhos de corujas e de harpás — a combater bandos de pequenitos sujos, esfarrapados e fatigados, que bradavam:

— Tenham dó desta desgraça! Acudam-me pelo amor de Deus...

Os bons corações rendiam-se, as esmolas avultavam e as megeras de vez em quando puxavam desabridamente os bracos que não se agarravam com energia aos vestidos das senhoras que passavam.

Quando é que a sagrada miseria dos inocentes deixará de ser pasto das cubiças sem entranhas?

* * *

ABAIXA Pombalina, com o seu fundo primitivo anterior ao terramoto, com a sua recomposição depois da grande obra urbanista a seguir a 1755, com o seu dedalo de ruas e ruelas, as suas curiosidades, os seus problemas, as suas actualidades — eis o titulo do ultimo livro apresentado pelo sr. Luiz Pastor de Macedo, erudito de tanta saber quanta probidade, investigador rigoroso, servido por uma invulgar cultura e um grande amor a Lisboa.

Esta obra «A Baixa Pombalina» — tratada com gosto literario e impecavel processo de ordenação — é das que se recomendam em todas as estantes eleitas.

Edição do Grupo «Amigos de Lisboa».

* * *

NOS «Cadernos Coloniais» appareceu um livrinho sobre o valente militar chamado Francisco Curado. Um heroi de Timor e das campanhas de Africa. Figura mal conhecida, mas dum relevo empolgante.

O dr. Dagoberto Guedes, que lhe escreveu a biografia assinalada, numa brochura de setenta paginas, mostra eloquentemente como ele pertence á raça dos antigos guerreiros para quem a Patria e a honra exigiram somente dedicações e sacrificios.

* * *

ENCONTRA-SE em Lisboa, com pouca demora, o sr. Antonio Mendonça, director da Casa de Portugal em Londres, que ontem amavelmente nos visitou.

Todos os viajantes portugueses conhecem a prontidão e a gentileza com que os acolhe, dando-lhes as informações de que carecem. O «Diário de Lisboa» agradece-lhe a sua atenção e retribue os seus cumprimentos.

MUNDANISMO

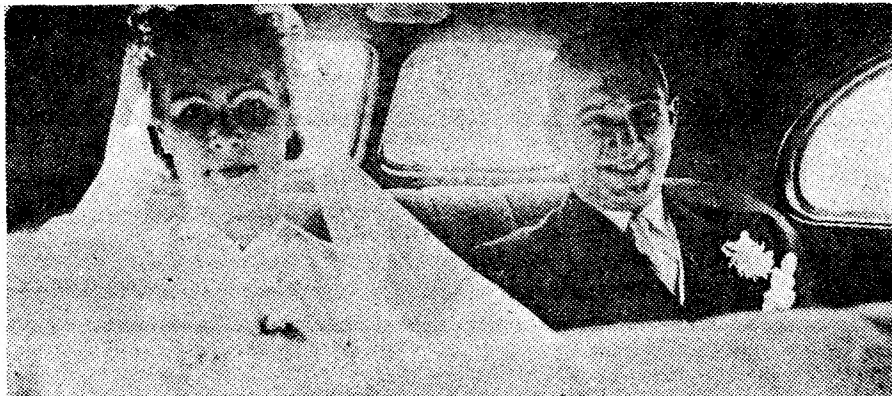
ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Virginia da Veiga Araujo Raposo, D. Carmen Loureiro Mendes Correia, D. Maria Carlota de Figueiredo Cabral da Camara da Cunha e Lorena, D. Maria Elvira de Macedo Dias Macieira de Magalhães Diogo, D. Helena Rolim Geraides Barba, D. Maria do Carmo Palma da Silva Bruschy, D. Maria Emilia Calheiros e Meneses Braga, D. Maria Eugenia Ressano Garcia, D. Maria Benedita de Amorim Freire Cordes de Avelar Lopes, D. Maria Amelia Vilela da Mota, D. Maria Capela de Azevedo e D. Maria Cristina de Sá Teixeira Paixão Moreira.

CASAMENTOS

Celebrou-se hoje, na paróquia das Mercês, o casamento da sr.^a D. Maria Helena Diogo da Silva Teixeira, gentil filha da sr.^a D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira e do distinto clinico capitão-medico sr. dr. Pedro de Meireles de Albuquerque Teixeira, com o sr. Sebastião Gil de Borja e Meneses Beltrão, filho da sr.^a D. Maria de Jesus Gil de Borja e Meneses Beltrão e do coronel de engenharia sr. Luiz Teixeira Beltrão. Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal e D. Alice Teixeira Marques, respectivamente tia-avó materna e prima da noiva, e de padrinhos o pai e o tio materno do noivo sr. D. Sebastião Gil de Borja e Meneses. Presidiu ao acto o sr. arcebispo de Mitilene, que antes da missa, rezada pelo prior da freguesia, reverendo Augusto Marques Soares, fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Finda a cerimonia, durante a qual foram



A sr.^a D. Maria Helena Diogo da Silva Teixeira e o sr. Sebastião Gil de Borja e Meneses Beltrão á saída da igreja das Mercês, onde hoje se casaram

executados varios trechos de musica sacra, foi servido na elegante residencia dos pais da noiva um finissimo lanche. Os noivos, a quem foi oferecido grande numero de artisticas e valiosas prendas, seguiram para as propriedades dos pais do noivo, no Alentejo, onde foram passar a lua de mel.

CHA' DANSANTE

Uma comissão constituída pelas srs.^{as} viscondessa de Alverca, D. Sofia Pinto Basto Mac. Nicol, condessa das Alcaçovas (D. Catarina), D. Maria Carolina de Sommer Alzina Moniz Galvão, D. Alice Infante de La Cerda, D. Maria Teresa Meira, D. Maria da Conceição de Sommer Alzina, organiza no proximo

sabado 5 de novembro um «chá dansante» numa das salas do Palacio de Exposições do Parque Eduardo VII.

A marcação de mesas é feita pelo telefone 4 4181. Far-se-á ouvir uma das nossas melhores orquestras.

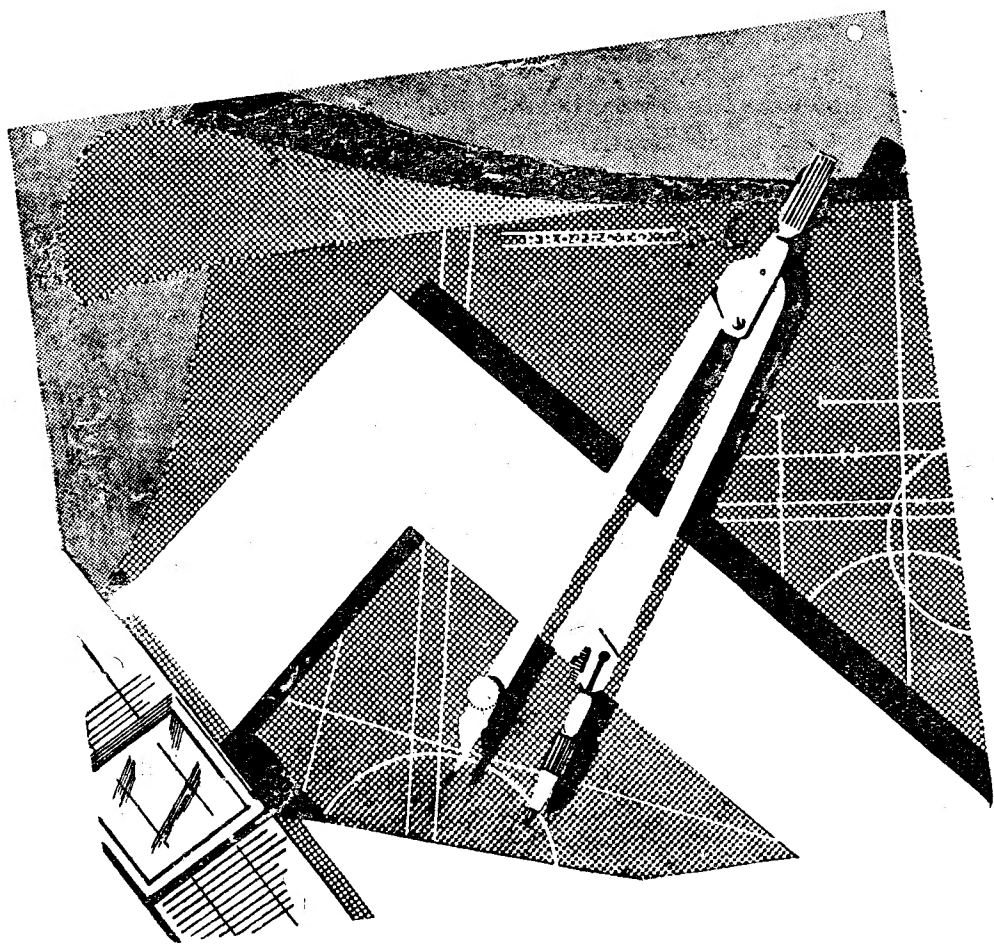
Nesse dia e no seguinte terá lugar tambem no referido Palacio a «Exposição Canina Internacional de Outono em Lisboa».

Meias Finissimas

A preços baratissimos só no

Campião das Meias

Rua Serpa Pinto, 16 D. (Ao Chiado)



Comemorações de 1940

A solução racional dos vossos problemas de iluminação requer os conselhos de técnicos especializados

COMISSÃO LUMINOTÉCNICA PORTUGUESA

LISBOA

Praça dos Restauradores, 53, 1.º

O PORTO pelo telefone

Industrias caseiras...

PORTO, 3—Foi preso e recolheu ao Aljube, Antonio Cervantes Rodrigues, da rua das Fontainhas, que juntamente com Gaspar Monteiro, que diz residir em Espinho, faziam publicar nos jornais desta cidade anuncios para trespasse de industrias caseiras muito lucrativas, e que apenas serviam para apanhar dinheiro aos incautos.

A ultima vítima foi o sr. João Amaral, da rua Ferreira Borges, a quem aqueles apanharam mil e cem escudos.

O novo ano lectivo

Na Escola Central de Officiais

Realizou-se esta tarde, na Escola Central de Officiais, em Caxias, a cerimonia da abertura do novo ano lectivo.

Presidiu o Chefe do Estado, acompanhado pelo sr. sub-secretario da Guerra e por diversos officiaes generais.

O comandante da Escola, sr. brigadeiro Couceiro de Albuquerque, abriu a sessão com um breve discurso, para agradecer a honrosa presença do sr. general Carmona.

A sessão continua á hora de fecharmos o nosso jornal.

ASSALTO AUDACIOSO

Foi preso Joaquim Lopes Lourenço, que ha dias, com outro individuo, assaltou, na avenida Fontes Pereira de Melo, o sr. Mario Freire de Sousa Calvet de Magalhães, furtando-lhe a gardine e 560\$00. O preso foi enviado ao tribunal da Boa-Hora.

ARMAZENS DO ROSSIO
J. MATOS
ROSSIO, 79 - R. DOS CORREIOES, 329
TEL. 1 1215 - LISBOA

A GRAVATA CHIQUE DAS PESSOAS DE BOM GOSTO

MOBILIAS DA GRANJA

Os mais belos modelos vendidos directamente. exposições permanentes de mobílias, tapetes, estofos, e estofos: Em Lisboa: — Calçada do Sacramento, 6 (ao Chiado) Em Coimbra: — Avenida Navarro, 41

Cão Boxer

Perdeu-se, amarelo, peito e patas brancas. Alviçaras a quem o entregar na Av. Elias Garcia, 116-1.º Esq.

SOLAR DA ALEGRIA

Telefone 2 8197

A melhor Casa de Fados de Lisboa

apresenta hoje: **MARIA ALBERTINA**, a popular actriz tão querida do nosso publico, **Adelina Ramos**, **Manuel Cascais**, **Mario José** e **Martinho d'Assunção**, concertista de viola.

Amanhã: **BERTA CARDOSO** (a alma do Fado).

Venha passar o S. Martinho ao Solar

Rigorosa selecção

Esmerado serviço de Restaurant e Bar

Colete Encarnado

No RETIRO ARISTOCRATICO DO FADO cantam hoje: **Maria do Carmo Torres**, **Alicia Rodriguez**, **Alberto Ribeiro** e **Jaime Silva**.

CAFE MONDEGO

Telefone 2 5676

Rua da Barroca, 124-126
Das 21 ás 0 horas cantam **MARIA CARMEN**, **DOMINGOS SILVA**, **JOSÉ PEREIRA** e **ANTONIO DOS SANTOS** em jocosos. — Terça-feira, 8: Festa comemorativa do 5.º aniversario — Grande Parada de Fadistas.

Retiro da Severa

Telefone 25979 — Hoje, ás 21 e 30 horas

NOITE DA MODA

Programa especial de Fados com os distintos artistas cantores de fado **Berta Cardoso**, **Natalia dos Anjos**, **Lucilla do Carmo**, **José Porfírio**, **Joaquim Campos** e **Manuel Pereira**. Variações a guitarra por **JAIME SANTOS**, acompanhado á viola por **Miguel Ramos**.

6.ª FEIRA, 11: DIA DE S. MARTINHO. Noite do

"FADO VELHO"

Reserve já a sua mesa.

J. NEVES SILVEIRO

MISSA

Sufragando sua alma, seus cunhados, mandam rezar amanhã, 4, pelas 11 horas, missa na Igreja de S. Domingos e agradecem reconhecidos a todas as pessoas de suas familias e amigos a sua presença.

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Gary Cooper recorda na «8.ª Mulher de Barba Azul» um dos melhores episódios da sua carreira galante... como artista do «écran». Amou sete vezes, ou sete vezes se enganou, o que corresponde a outros tantos casamentos e igual número de divórcios. Este coeficiente sentimental é bastante expressivo para uma rapariga como Claudette Colbert, que, romanescentemente, julga que o dinheiro não dá a felicidade, nem o amor. Outra qualquer desatava a chorar. Ela enfrenta a situação, aceitando o perigoso casamento que lhe oferece Gary Cooper resolvida a dar-lhe uma lição mestra. Conseguiu-lo-á? A luta travada constitui o argumento da deliciosa comédia, que o Tivoli exhibe. É a rir a bandeiras despregadas. Trata-se duma verdadeira escola de maridos, e também de esposos, dum riso fulminante, capaz de acordar o mais succumbido de pessimismo ou de chamado tragico quotidiano da vida. Experimentem esse método. É uma lição de três horas, de infalíveis resultados.

Atrás do reposteiro

Os espetáculos que a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro vai realizar a Guimarães, para inaugurar o novo teatro Jordão, far-se-ão sem prejuízo do funcionamento do Nacional, onde nessa altura estará em cena uma peça representada por um grupo de artistas da mesma companhia.

No Maria Vitoria realiza-se hoje, em duas sessões, com a revista «Tudo na lua» e a colaboração de varios artistas, bailarinos e cantadeiras, a festa artistica do popular actor José David. No dia 9 efectua-se, no Rex-Cinema, a do actor Alberto Miranda e no dia 17, no Royal-Cine, a do actor Alvaro Barradas.

É muito possível que a actriz Aura Abranches, por motivos muito ponderáveis, não realize a sua projectada «tournée», quer por sua conta, quer em sociedade artistica devendo participar no desempenho de varias peças e num dos nossos teatros.

Antes da sua apresentação no «compère» da nova revista do Apolo, o actor Octavio de Matos interpretará ainda dois novos personagens que vão ser introduzidos na revista «Is- cas com elas».

—Beatriz Costa, que reaparece amanhã no Sá da Bandeira, do Porto, na «première» da revista «O meu rico S. João!», aceitou o convite que lhe foi feito para interpretar um novo filme português, conforme noticiámos ha dias.

—São seis os numeros que os autores da revista «A dança da luta», escreveram propositadamente para a actriz Maria das Neves desempenhar naquela peça, três dos quais, de feição popular, se intitulam: A voz dos sinos, D. Alzira, e A rua mais portuguesa, num quadro cheio de lirismo bairstista.

—Carmencita Aubert, Virginia Soler e o cantor Joaquim Pimentel, realizaram ontem, no Rivoli, do Porto, um curioso programa de variedades, com o qual tencionam efectuar diversos espectáculos em outras cidades do país.

—Estão a realizar-se no Avenida os ultimos ensaios de afinação da revista «A Rua da Paz» aos quais falta apenas ligar a respectiva orquestra, sob a direcção do maestro Frederico Valerio. A estreia está annunciada para o proximo dia 10, em duas sessões.

—Dizem-nos que estão a decorrer com grande brilho, no Funchal, os espectáculos da companhia Maria Matos.

—Verificado que os quadros dos teatros de declamação se encontram quasi completos, diversos artistas voltam a agitar a ideia da formação duma companhia para uma «tournée» pelo país, á qual não faltaria, o patrocínio do Sindicato dos Artistas Teatraes, com o fim de remediar a crise de desemprego que ainda se verifica nesta classe.

—Partiu hoje para Lourenço Marques o maestro Belo Marques, director do quarteto

vocal da Emissora Nacional, que ali vai assumir a direcção musical da Estação Radio.

—A actriz-cantora Maria Paula, da companhia Mirita Casimiro-Vasco Santana, na sua nova estadia no Rio de Janeiro, participará dum filme brasileiro, que ali vai realizar-se.

A obra teatral dum dramaturgo

A peça original do dr. Ramada Curto, «Duas Mães», em cena no Trindade, mais do que uma novela pungente de emoção, é um «filme» vivido através de três anos a que não faltam todos os predicados para despertar a sensibilidade do publico. Naquele palco, que enquadra a sala de espectáculos teatraes de mais beleza e de maior aconchego, «Duas Mães», realizada magistralmente por uma companhia de valores no teatro português, tem um primeiro acto de acção acentuadamente expressiva; um segundo acto, forte, de imprevisto, e um terceiro — em que a Dôr se irmana — de drama, cheio de teatro, do maior e do melhor.

A estreia, sabado, no Coliseu, de uma companhia de artistas de impecavel beleza feminina

A avaliar pela concorrência já hoje registada ás bilheteiras do Coliseu, o publico de Lisboa manifesta um invulgar mas merecido entusiasmo pela estreia depois de amanhã, sabado, naquela casa de espectáculos, da Companhia Feminina de Circo e Variedades. O publico tem razão em querer admirar os extraordinarios numeros realizados por senhoras que são encantadores tipos de beleza. É uma homenagem á «Mulher» a que nenhum português decerto faltará, tanto mais que são de real valor e de grande novidade as gracações que se vão exhibir. Continua a venda de bilhetes a preços populares.

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato 18 x 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063

Eden-Bar

Grande atracção
Orquestra Eden-Jazz

AMANHÃ: Estreia do sensacional numero

MARINO--BAINKA--RUBY

Unicos no seu genero negro—Bailes americanos e exóticos

ECONOMISE!

Comprando as suas
MEIAS E PEUGAS



20, Poço do Borratém
Junto ao Rossio—R. da Betesga



OMELHOR WHISKY
QUE TODOS PREFEREM

EXIJA
VAT-69
AGENTES EM PORTUGAL
DELA FORCE SONS & C.
VILA NOVA DE GAIA

TEATRO NACIONAL

HOJE — ás 21 e 45 — HOJE

Um espectáculo de grande classe

MARIA STUART

Um espectáculo de Arte

MARIA STUART

com

Palmira Bastos e Lucilia Simões

Domingo, 6, matinée

APOLO

As 8 e 45 e 11 horas

Isas com elas!

A REVISTA ÚNICA DE LISBOA
com o popular cantor humorístico
FRANCISCO DOS SANTOS

PROGRAMAS DE HOJE

HOJE, ás 21,30 — Telef. 27172



O Incendio de Chicago

filme de grande emoção com
Tyron Power, Alice Faye
e Dom Ameche



Paraiso para dois

comédia musical com
Jack Hulbert, o maior
balarino inglês e Pa-
tricia Ellis



O Túmulo Índio

As 21 e 15
Telef. 2 6283



filme de emoção, com cenas
filmadas nos palacios de S.
A. o Marajah de Udaspur
Artistas: Alice Field, Roger
Karl, Claud May e Mare
Val Bol.



A 8.ª mulher de Barba Azul

um filme de Lubitsch,
com Gary Cooper, Clau-
dette Colbert e Ed. Eve-
rett Horton



Vou ser rap- tada

filme musical com Gra-
ce Moore, Melwin Dou-
glas e Stuart Erwin



Maria Walewska

Irmãos gêmeos
Preços reduzidos (cartão
de convite)



O TERROR DE BRIMSTONE

Margarida Gautier

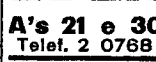


Não ha amor como o primeiro



Quero sonhar contigo

com Ginger Roger e Fred As-
talre, musica de Irving Berlin



COMPLEMENTOS VIVOS



Irmã de leite

filme comico com Lucien
Baroux, Henri Garat e Meg
Lemonnier



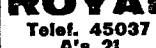
Os Fidalgos da Casa Mourisca

Outra aurora



Rapazes da Marinha

O par invisível



Os Fidalgos da Casa Mourisca

Perdidos para o mundo

Novidades CINEMATOGRAFICAS

Delicioso «rendez-vous»

Parece que houve uma combinação tácita entre a gente da nossa sociedade para se reunirem todos os dias nas «matinéas» e «soirées» do Condes.

Distinto e elegante é esse conjunto quotidiano de lindos rostos, belas «toilettes», encantadores sorrisos que o Condes nos oferece na assistência, realçada pela «féerie» de luz, pelo brilho dos cromados da decoração desta sala de espectáculos, hoje a mais simpática de Lisboa, ao mesmo tempo que é a mais cómoda.

A ver a «Irmã de leite» tem acorrido tudo que nesta Lisboa procura uns momentos de agradável distração.

«Irmã de leite» não é um filme de pretensões psicologicas, nem procura pôr em foco qualquer problema metafísico; é simplesmente um conto alegre, bulicoso, cheio de espirito, desse fino espirito francês, levemente mordaz, ironico, gravoche. É quasi uma anedocta deliciosa que em lugar de ser contada é vivida.

Vive-a o grande comico Lucien Baroux, tendo como parceiros a cativante Meg Lemonnier e o famoso galã Henri Garat.

E o publico acompanha o desenrolar do filme, a principio com sorrisos, depois com gargalhadas francas. Ao fim sai do cinema bem disposto, a sorrir ainda, dando por bem empregadas as horas que passou a ver «Irmã de leite».

Um filme oficial

Quando da recente visita dos reis de Inglaterra a França o governo francês mandou filmar todos os aspectos dessas jornadas historicas a que o povo francês quis imprimir desusado brilho ao acolhimento feito aos soberanos da nossa grande aliada.

O documentario produzido é realmente uma obra-prima que mereceu na Bienal de Veneza a mais alta classificação.

Como a seguir a essa memoravel visita vieram as férias grandes, só agora o filme começou a correr mundo e só agora é apresentado em Portugal.

Vimo-lo e confessamos que tem, de facto, um extraordinario interesse, quer nas esplendorosas recepções em Versailles, no Louvre, na Camara Municipal de Paris, etc., quer nas grandes revistas militares em que o potencial militar da França bem se evidencia.

Informam-nos de que este excelente filme será dentro de dias apresentado no Cinema Condes.

Um caso pouco vulgar

Dissemos ha dias que nesta epoca o filme que bateu o «record» das receitas desde a sua estreia foi o «Barnabé», que debutou no Porto, no Cinema Rivoli. O publico esgotou todos os dias, á tarde e á noite, a lotação do grande cinema. De todos os cinemas do norte e centro do país choveram os contratos para se exhibir este filme em todas as cidades e vilas.

«Barnabé» é um espectáculo de grandiosa «mise-en-scène», sublinhado por lindissima musica que o publico sai trouteando. Animam esta produção multidões de formosas mulheres, cenários de grande beleza, estonteantes danças, cenas de hilariedade.

O entreccho é dum comico irresistível em que Fernandel, segundo a opinião geral, tem o seu melhor trabalho.

«Barnabé», mercê de contratos já fechados, só poderá ser exhibido em Lisboa nos fins do corrente mês.

Um erro judiciario

Tem especial interesse para todos, mas em especial para a gente do fóro, a apreciação dos erros judiciarios que são, infelizmente, mais vulgares do que parece. O acaso por um lado, as circunstancias de momento por outro, e ainda a ideia humana de fugir ao castigo pelo crime, conduzem algumas vezes os juizes a pronunciarem-se erradamente, levando para o horror das prisões inocentes, enquanto os verdadeiros culpados gozam de inteira liberdade e até ás vezes de grande consideração social.

É um caso desses que poderemos apreciar no filme «Um erro judiciario» que tem por protagonistas dois nomes brilhantissimos do cinema: Raimu e Pierre Blauchoir.

Um negociante considerado de Toulon goza duma reputação de seriedade e até de bondade, que está fora de toda a suspeita. Tem um lar, uma esposa, um filho; tem fortuna, tem amigos. No entanto... é um receptor de roubos e uma noite mata um dos seus estranhos clientes. Mas como ninguém suspeitava do considerado sr. Victor, é acusado do assassinato um pobre diabo que certas coincidencias levam a apontar como sendo o criminoso.

Eis a historia base do filme «Um erro judiciario», uma extraordinaria produção destinada a interessar o publico ao maximo e que será apresentada no Cinema Condes na proxima semana.

Um rapaz matou a tiro em Sintra a mulher com quem vivia

SINTRA, 3. (Pelo telefone)—No dia 26 do mês passado hospedaram-se numa pensão desta vila um rapaz e uma rapariga que se diziam noivos. Ele disse chamar-se Manuel Barrequeiro Quintão, de 23 anos, natural de Jerez de la Frontera, provincia de Cadiz (Espanha) e residente em Lisboa, onde trabalhava como encadernador. Ela chama-se Maria da Conceição Barraquero. O casal vivia aparentemente feliz.

Esta manhã, cerca das 7 horas, o pessoal da pensão foi surpreendido por duas detonações seguidas de gritos de socorro que partiram do quarto ocupado pelos noivos. Estabeleceu-se grande pânico, e, como a porta do quarto estava fechada por dentro, teve de ser arrombada. Quando entraram no quarto, os donos da pensão viram a pobre rapariga morta. O seu companheiro apresentava um ferimento no rosto produzido por arma de fogo. O ferido foi imediatamente conduzido ao hospital de Sintra, seguindo depois na ambulância dos Bombeiros Voluntários para o hospital de S. José, onde se verificou que o ferimento não é de gravidade.

O cadáver da Maria da Conceição deu entrada na casa mortuária de S. Marçal, a fim de se proceder à autópsia.

Ignoram-se os motivos que levaram o Manuel Quintão a desfechar um revólver contra a sua companheira, pois averiguou-se que não eram casados, voltando depois a arma contra si.

A confiscação no Mexico das companhias petrolíferas

WASHINGTON, 3.—O embaixador do Mexico nesta cidade informou os jornalistas de que se chegou a um acordo entre o seu governo e o dos Estados Unidos, respeitante ao pagamento das indemnizações dos terrenos petrolíferos confiscados a proprietários norte-americanos pelo governo mexicano.—(United Press).

A viagem da princesa de Piemonte

LONDRES, 3.—A princesa de Piemonte partiu esta noite de Londres. Foi acompanhada até à gare pelo embaixador italiano conde Dino Grandi, que lhe ofereceu um almoço na embaixada.—(United Press)

Academia das Ciencias

Reuniu-se hoje, pelas 14 e 30, a classe de Ciencias da Academia, sob a presidencia do sr. dr. Egas Moniz, secretariando o sr. D. Antonio Pereira Forjaz. Foram apresentadas duas comunicações, uma do sr. professor Pedro José da Cunha, «Nova Contribuição para a Historia da Escola Politecnica», e outra do sr. professor Rizzatti, sobre «Cirurgia das Psicoses». Depois ainda sob a presidencia do sr. dr. Egas Moniz, effectou-se a assembleia geral ordinaria da Academia, que se occupou de assuntos internos.

Liga Regionalista Portuguesa

No proximo domingo, pelas 14 e 30, a Liga Regionalista Portuguesa fará uma visita cultural ao Museu Nacional de Arte Antiga, que será dirigida pelo pintor sr. Alfredo Candido. Depois da visita, realiza-se a XII.ª reunião cultural da Liga, em que o escritor sr. J. Ferreira Martins fará uma «parla» intitulada «Arte e Artistas» e haverá o habitual torneio poético.

INTERCAMBIO ESCOLAR

Esteve ontem na Sociedade de Geografia o consul geral de Portugal no Rio de Janeiro, dr. Francisco de Paula Brito, a fazer entrega de um grande maço de correspondencia e de trabalhos escolares que os filhos dos portugueses, alunos das escolas brasileiras, trocam com os seus colegas das escolas da India, Moçambique e da metropole.

ENVIADO A BOA-HORA

Foi enviado ao tribunal da Boa-Hora o motorista Americo Furtado Mateus, que na calçada do Combro atropelou, ha dias, varias pessoas, entre as quais o sr. João Gonçalves, que faleceu pouco depois de ter dado entrada no hospital de S. José.

Método de João de Deus

No Museu João de Deus, avenida Pedro Alvarse Cabral, 4 Estrela, continua aberta a matrícula para um novo curso de leitura e escrita do Método de João de Deus, que abre no dia 7, pelas 21 horas.

A inscrição é gratuita, fazendo-se todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Ofensiva ? Defensiva ?

Os ensinamentos tecnicos da guerra

FRENTE DO EBRO, outubro.—Lemos no «Diário de Lisboa» que o general sr. Freitas Soares, um dos nossos mais distintos tecnicos da guerra, publicou no «Comercio do Porto», de 20 do corrente algumas conclusões a proposito da guerra de Espanha. Baseado em informações do coronel americano Conrad Nauza, disse: «Sob o aspecto militar a defensiva é superior á ofensiva».

Não vimos o artigo do «Comercio do Porto». Não chegou até ás terras longinhas onde assistimos ao desenrolar desta guerra. Mas supomos que a interpretação publicada não traduz á letra o pensamento do seu autor.

Da guerra de Espanha, se alguma conclusão pode tirar-se até hoje, é exactamente a contraria: a ofensiva é infinitamente superior á defensiva. Só a primeira sobe os degraus da vitoria.

Desta e de todas as guerras deve, sim, verificar-se que a defensiva é mais fácil que a ofensiva. Mas ninguém, pelo que viu em Espanha, tem o direito de dizer que a primeira seja superior, por mais vantajosa ou mais util.

Durante muitos anos a instrução dada ao exercito português enfermeu da falta de espirito ofensivo. As raras manobras e exercicios feitos versavam, sistematicamente, temas defensivos. Quasi sempre começavam ou terminavam pela retirada, como se este fosse o destino fatal a que o nosso Estado Maior condenava as tropas lusitanas.

A lei do menor esforço actua neste campo como nos demais. Ha quem durma descansado a pensar: «Mesmo depois de morto um homem pode tanto em sua casa que são preciso quatro para o tirarem».

O marquês de Pombal respondeu assim a quem o ameaçava com a guerra. Mas, á cautela, em vez de esperar indifferente a morte, transformou o exercito e preparou-o para o ataque...

* * *

As grandes vitorias defensivas da luta de Espanha pertencem aos nacionalistas: o Alcazar de Toledo, Huesca, Oviedo, Saragoça, Maiorca, etc.—são exemplos que a Historia conservará. Mas o Alcazar e Oviedo salvaram-se porque forças nacionais exteriores aos sitiados acorreram em seu auxilio e realizaram ofensiva que permitiu libertá-los. Huesca, Saragoça e Maiorca provam, acima de tudo, a carencia de tecnica ofensiva por parte dos vermelhos e a sua falta de persistencia. Em qualquer destes três ultimos casos, e em muitos outros que não vale a pena mencionar, os marxistas atacantes não souberam empregar os meios materiais e pessoais acumulados, hesitaram na manobra e acabaram por desistir quando estavam á beira do triunfo. Aqui, não pode condenar-se a ofensiva, mas sim a má qualidade da ofensiva.

Do lado marxista, Madrid constitue o padrão defensivo por excelencia. Mas os mesmos que, á sombra dos muros da cidade, conseguiram parar o golpe de mão das columnas de Varela, haviam perdido dia a dia todo o terreno desde Sevilha a Badajoz, de Badajoz a Talavera, de Talavera a Toledo e de Toledo a Carabanchel e Casa de Campo. A capital pôde transformar-se em reduto graças, unicamente, á falta de meios offensivos dos nacionalistas: Falta de efectivos e falta de artilharia.

A 7 de novembro de 1936, dia do ataque principal a Madrid, Varela não dispunha, na linha de fogo, de mais de duas mil e setecentas espingardas. Os efectivos vermelhos eram muito superiores.

O coronel americano Conrad Nauza decerto não esteve em Madrid durante o ataque nacionalista. Muito menos esteve do lado de cá, a ouvir assobiar as balas vermelhas. Se andasse por onde andámos, veria como choviam granadas.

As oito metralhadoras, 1.400 espingardas e a unica peça de 75 milímetros que attribue aos defensores da capital—são fantasia pura. Ha que multiplica-las por vinte ou trinta. Os marxistas haviam recebido em outubro grandes quantidades de material russo e tinham rearmado e reorganizado as suas tropas de tal forma que se julgaram aptos á contra-ofensiva. Tentaram-na em 28 e 29 de outubro de 1936, com inumeros «tanks», centenas de metralhadoras e bastante artilharia, mas

foram repellidos pela heroicidade das forças de Barron, Ascencio e Monasterio.

* * *

Ao contrario do que afirma Conrad Nauza, cem homens só podem defender um quilometro de terreno se o inimigo não atacar... ou se não souber o A B C da tactica. Com artilharia forte e com atacantes manobreadores—não ha posição defensiva que resista, por mais heroica que seja a guarnição. A arma automatica, essencialmente defensiva, pode muito mas não pode tudo. Nunca houve aqui linhas fortificadas continuas. Omelhor abrigo não resiste ao envolvimento. O problema da guerra ofensiva acha-se na colaboração da artilharia, da aviação e da infantaria. Não basta possuir efectivos e meios materiais potentes de cada uma das armas. É indispensavel, acima de tudo, saber utilizá-los e saber ligá-los. O malogro total ou parcial de certas offensivas e contra-offensivas resulta, muito mais, da eficiencia do emprego das armas que da ausencia de probabilidades de vencer. O cinturão de ferro de Bilbao, a linha fortificada de Cinca e a linha defensiva vermelha do Ebro, para não citar outros exemplos, revelaram-se inuteis em presença de inimigo habil e decidido.

Os nacionalistas, vencedores das batalhas defensivas, têm sido, tambem, os grandes beneficiarios da ofensiva. Os deu-lhes—é bom não esquecer—além de todas as provincias do Cantabrico, a maior parte do territorio que hoje occupam. Veja-se no mapa o que era a zona nacional em 1936. Compare-se com a de agora—e diga-se onde está a superioridade... da malograda tactica defensiva dos vermelhos. Só se tal superioridade consiste em perder terreno...

Afirma-se que graças aos sistemas defensivos actualmente em uso, as guerras modernas são fatalmente demoradas. Fortificações permanentes (que não existiam em Espanha), fortificações de campanha, abrigos, trincheiras, ninhos de metralhadoras, impedem o avanço rapido da infantaria. É verdade... quando a artilharia não age. Mas mais demoradas foram muitas guerras do passado, apesar das conquistas rapidas de terreno.

Quando temos pela frente adversario apostado a resistir—toda a guerra resulta demorada. Todavia, é possível prever-se que o futuro não nos reservará guerras de «cem anos» nem guerras de «trinta anos» como as que conhecemos da Historia. Porquê? Porque, pelo seu caracter absorvente e generalizado, que interessa toda a nação, a guerra moderna esgota mais rapidamente as reservas morais e materiais dos povos em luta, que acabam por cair de cansaço...

É o que vai succeder aos marxistas.

* * *

Concluindo: A defensiva, infinitamente mais fácil, pode ser empregada, momentaneamente, para cobrir a mobilização, para preparar o ataque e para esgotar o adversario. Mas o exercito deve possuir chefes educados no espirito ofensivo e deve achar-se tecnica, moral e materialmente apto a realizar o pensamento desses chefes. Comandantes que saibam defender-se—encontram-se a cada passo. Grandes manobreadores, grandes generais de ofensiva, que tenham a intuição local do ataque e do momento de explorar o exito, homens que possuam cerebro para conceber, coragem para assumir responsabilidades activas e ciencia para executar, são verdadeiramente raros. Esta raridade, que á priori parece condenar a ofensiva, supre-se quasi totalmente pela fé, pelo estudo e pela preparação. Pode suprir-se, até certo ponto, com os meios materiais.

Mas a que vimos? Por que motivo entramos na liça? Simplesmente para que ninguém pense que é facil improvisar exercitos.

A intenção do general sr. Freitas Soares foi, sem duvida, apresentar estudo bem intencionado e puramente tecnico, referido a problema concreto, de ambito limitado. Não pode generalizar-se sem perigo. Por isso, convem evitar que alguém ao lê-lo sem conhecimento de causa, seja levado a concluir assim: «Visto ser tão fácil e vantajosa a defensiva, Portugal resistirá bem aos seus inimigos prováveis apenas com uns milhares de homens e uns centos de metralhadoras. A cem atiradores por quilometro de fronteira...

bastar-nos-iam a Guarda Fiscal e a Guarda Republicana!».

Ora, se quisermos viver tranquilos, teremos de possuir um exercito digno desse nome: com armas e, principalmente, com ardor combativo. Com quadros, com tecnica e espirito de sacrificio. Com material, mas tambem moral. Preparado e não improvisado. Pratico e rapido na decisão, em vez de burocratico. Activo em vez de passivo.

X. Y. Z.

PROSSEGUE ENCARNIÇADAMENTE

a luta no sector do Ebro

FRENTE DO EBRO, 3.—(Do enviado especial da United Press).—As primeiras horas da manhã de hoje, as tropas que marcham pelo centro do dispositivo do ataque, os gloriosos soldados de Navarra, comandados pelo coronel Mizian, retomaram o avanço, enquanto as unidades comandadas por Garcia Valino, Valera e Delga, em estreita combinação com as do centro, continuaram pelo flanco a levar de vensida as forças vermelhas, que resistem desesperadamente, mas que são obrigadas a bater em retirada.

Desde as 6 horas da manhã, a estrada que vai de Pinell a Mora de Ebro e que ontem foi cortada está a ser batida violentamente pelo fogo das armas automaticas nacionalistas. Por sua vez, a artilharia e a aviação de Burgos, numa acção combinada, destroem com milhares de projecteis e bombas as posições inimigas das duas margens do rio, assim como algumas das pontes que os vermelhos lançaram sobre o Ebro. Uma delas foi pelos ares pouco depois das 8 horas da manhã de hoje.

O generalissimo Franco, que continua a dirigir pessoalmente as operações, mostra-se muito satisfeito com os resultados obtidos. Ás 11 e 30 da manhã os nacionalistas tinham já realizado um importante avanço, conquistado algumas posições de valor estratégico e causado aos vermelhos um duro castigo. O numero de prisioneiros feitos até aquela hora passava já de 400.

Ás 10 e 10 travou-se um emocionante combate aereo sobre Mora de Ebro. Foram abatidos sete aparelhos inimigos e os nacionalistas perderam dois aparelhos de caça.

A luta prossegue com o maior encarniçamento em toda a frente do Ebro.—

A tomada de Pinell

BURGOS, 3.—No sector do Ebro as tropas nacionais occuparam Pinell e fizeram muitos prisioneiros.—(Havas).

A acção dos «viriatos»

SARAGOÇA, 3.—Nas grandes operações militares que se estão a desenvolver no sector do Ebro e nas quais as forças de Franco se têm coberto de gloria, os «viriatos» com os seus actos de grande heroismo, valor e abnegação, continuam a contribuir grandemente para o bom exito dessas operações. Nas conquistas das serras de Caballs, San Marcos e Pandols, as forças legionarias portuguesas nos assaltos ás trincheiras inimigas tiveram formidaveis arrancos, que mereceram citações especiais de louvor do proprio generalissimo Franco.

O comandante dos «viriatos», com o maior e mais completo desprezo pela vida, tem realizado verdadeiros prodigios de temeridade e valor, entusiasmando e electrizando os homens que tem conduzido á vitoria.

Quando da occupação do importante Cerro de San Marcos, uma companhia de legionarios portugueses assaltou e conquistou quatro importantes posições inimigas, defendidas por numerosos efectivos militares e á arma branca e á coronhada, dentro das proprias trincheiras «vermelhas», causou ao inimigo pesadas baixas, conseguindo fazer 143 prisioneiros. Nos momentos mais dificeis da luta, quando os «viriatos» arrancam para o assalto, gritam a plenos pulmões: «Portugal! Portugal! Portugal!».

Nos violentos combates aereos travados desde domingo ultimo, os aviadores «viriatos» têm sido uma acção preponderante e conta-se que o alferes «viriato» José Flores de Barros, considerado um verdadeiro ás de acrobacia e extremamente temerario, derubou sozinho, na terça-feira ultima, quatro aparelhos «vermelhos», pelo que foi louvado pelo comandante das forças aereas nacionalistas, general Kindelan.—(United Press)

MARINHA DE GUERRA

O Arsenal do Alfeite vai ter um engenheiro estrangeiro para os serviços industriais

O «Diário do Governo» publicou hoje o seguinte decreto:

«Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º—É autorizado o ministro da Marinha a mandar contratar, com dispensa de todas as formalidades legais, pelo prazo máximo de dois anos, um engenheiro estrangeiro, a fim de organizar os serviços industriais do Arsenal do Alfeite, na parte respeitante ao rendimento oficial da construção e reparação de navios.

Art. 2.º—Durante a vigência do contrato não poderá ser provido o cargo de director tecnico, podendo o administrador incumbir o engenheiro contratado de todas as funções técnicas que compitam a esse director.

Art. 3.º—A remuneração desta prestação de serviço será fixada em Conselho de ministros, sob proposta do ministro da Marinha.

Art. 4.º—O conselho de administração do Arsenal do Alfeite ocorrerá às despesas ocasionadas com este contrato no presente ano económico pelo artigo 267.º, capítulo 9.º, do orçamento do ministério da Marinha».

O levantamento hidrográfico da costa de Portugal

Publicou-se agora o plano hidrográfico de Sesimbra a Setúbal o qual, juntamente com o plano hidrográfico do rio Douro a Leixões, também recentemente publicado, constitui os últimos trabalhos da extinta Missão Hidrográfica da Costa de Portugal que, de 1913 a 1935, vencendo inúmeras dificuldades, conseguiu efectuar o total levantamento hidrográfico da costa continental do nosso país, publicando 19 cartas e 32 planos hidrográficos.

De 1913 a 1916 a Missão Hidrográfica da Costa de Portugal teve como chefe o actual vice-almirante engenheiro hidrografo reformado sr. Hugo de Lacerda Castelo Branco; de 1920 a 1924 foi chefiada pelo falecido capitão de fragata sr. Ernesto Tavares de Almeida Carvalho; de 1924 a 1931 foi chefe da missão o actual director da Hidrografia, Navegação e Meteorologia Nautica sr. capitão de mar e guerra Augusto Fernandes Lopes; e de 1931 a 1935 foi a missão chefiada pelo sr. capitão-tenente Americo Deus Rodrigues Tomaz, actual chefe do gabinete do sr. ministro da Marinha.

Em 8 de julho de 1936 foi a missão extinta pelo decreto n.º 26.754 que reorganizou os serviços hidrográficos do continente e ilhas, sendo então seu chefe o sr. capitão-tenente engenheiro hidrografo Gabriel Antonio Prior, que passou a chefiar a Missão Hidrográfica das ilhas adjacentes, criada por esse mesmo decreto.

Movimento de navios

Fundeu na foz do Rovuma o aviso «Pedro Nunes» que está a efectuar o periplo de Africa em viagem de instrução dos novos guarda-marinhas.

—Largou da Horta para Lisboa o transporte-hospital «Gil Eanes» que regressa da missão de assistência aos pescadores na Terra Nova e na Groenlandia.

Navio de guerra argentino

A's 14 horas de hoje entrou a barra, o transporte de guerra argentino «Chaco», do commando do sr. capitão-tenente Alberto Job, que fundeu em frente da Alfandega, solicitando o commandante autorização para atracar á respectiva muralha. A atracação fez-se ás 18 horas. «O Chaco», além da respectiva guarnição, traz dezenas de oficiais e centenas de marinheiros, que constituem as tripulações de doze «destroyers» e um navio-escola de guarda marinhas, construídos em Inglaterra e que eles vão buscar. O navio-escola vem substituir o «Presidente Sarmiento», que é retirado deste serviço.

Roque da Fonseca

Tem sido muito visitado no quarto particular do hospital de S. José, onde se encontra em tratamento, o sr. Roque da Fonseca, presidente da Associação Comercial de Lisboa, que foi vítima dum desastre de viação. Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Dr.ª LAURINDA ALAMBRE

Doenças uterinas

R. Garrett, 74, 1.º - das 2 às 6 - Telef. 2 0524

Um Restaurant diferente
TELEF. 29593
NEGRESO
...onde tudo é bom!

PROEZAS DE GATUNOS

A Policia prendeu uma quadrilha especializada em roubos de montras

A secção de justiça que funciona no Governo Civil não tem descansado na sua tarefa depuradora de limpar a capital dos meliantes que a infestam, o que lhe tem valido os maiores elogios e louvores do commandante da P. S. P., sr. coronel Cameira e do 2.º commandante sr. major Baelar.

Ha algum tempo que certos comerciantes se queixavam de ser vítimas de três e quatro assaltos na mesma semana, sem que fosse possível descobrir os assaltantes. Ha dias, uma indicação preciosa pôs a Policia no encalço dos gatunos e determinou a prisão duma quadrilha de malfeteiros constituída pelos seguintes individuos: Luiz Carlos Rocha, o «Alfaite»; Hideo da Silva, o «Ostras»; Constantino Marques da Silveira, o «Preto»; Artur Anjos Freire, o «Vinte e Sete»; José da Costa Vaz, o «Sete Sardas»; Armando Augusto Lopes, o «Bexiga»; José da Silva Junior, o «Vidaceiro»; Miguel de Almeida, o «Come e deixa»; Arnaldo de Amorim Martins, o «Sacristão», e três mulheres: Amelia da Silva, Maria Isabel da Silva e Maria da Piedade dos Anjos Freire.

Após demoradas e constantes diligencias, levadas a efeito de dia e de noite, a Policia apurou que o primeiro daqueles individuos arrombava três vezes um estabelecimento que o sr. João Nepomuceno da Cruz possui na rua de Alcantara, 1 e 3, de cumplicidade com Antonio Aniceto, actualmente preso na cadeia do Limoeiro. Na noite de 14 do mês passado, alguns componentes da quadrilha partiram a montra da casa da rua dos Fanqueiros, 34, pertencente ao sr. Julio Lourenço de Moura, donde roubaram uma porção de gabardines. Assaltaram também a alfaiataria da firma Santos, da rua de Alcantara, 10, e os estabelecimentos da rua Prior do Crato, 55 e 61, pertencente á firma J. B. Lourenço; da calçada Marques de Abrantes, 26 e 34, de João Borges Ribeiro, L.da; «A Vulcanizadora, L.da», da rua da Misericordia, 31; Armazens de S. Bento; da Viuva Ricardo Digo, rua do Amparo, 11; de José Ramos Santos, rua dos Fanqueiros, 149; de Antonio R. Batalha, travessa da Boa Hora, 153; da firma Amaro & Paulo, L.da, rua dos Fanqueiros, 164; de Mario Carapito Aguiar, rua Pascoal de Melo, 73; da firma L. Alves, rua da Misericordia, 19; de Guerreiro & Couto, rua da Rosa, 269; da firma Andrades, L.da, avenida Luiz Bivar, 37; de Abilio Chaves Pinho, rua de Belem, 63; e a tabacaria da rua Bernardino Costa, 40.

Só num mês esta quadrilha praticou cinquenta arrombamentos de montras. O valor dos roubos eleva-se a mais de 40 contos. Eram as três mulheres que promoviam a venda dos objectos roubados ou os empenhavam quando se tornava difficil vendê-los.

Os presos não tiveram coragem de negar os crimes de que são acusados, e indicaram as casas de penhores onde venderam ou empenharam o produto dos roubos.



Os componentes da quadrilha pela ordem por que lhes fazemos referencia na noticia junta

Foi preso um audacioso gatuno especialista de arrombamentos de cofres

Ontem, cerca das 21 horas, quando um empregado da firma Antonio Coutinho & C.ª, no Campo das Cebolas, 6, tentava entrar no escriptorio, notou que a fechadura não funcionava e, suspeitando que dentro do escriptorio estivessem gatunos, chamou um policia. Espreitaram ambos por um vidro e viram dois individuos a arrombar um cofre. Entraram então no estabelecimento e prenderam os dois gatunos. Um deles, quando ia a caminho da esquadra, fugiu, ficando apenas preso o outro, de nome João de Oliveira. Este, conduzido para o Toren e interrogado sobre a identidade do seu companheiro, indicou á Policia varios nomes e moradas, que não correspondem á verdade. O João de Oliveira resolveu por fim indicar a morada e o nome verdadeiros do seu companheiro.

Os agentes prenderam-no esta manhã: E' o

gatuno Manuel Alves Carriço.

O que mais surpreendeu os agentes, foram as peças de ferramenta apreendidas aos gatunos no momento em que operavam o arrombamento.

Trata-se de dois tubos de ferro que se ligam por meio de rosca, tendo nas extremidades um parafuso de porca que serve para a applicação de varios aparelhos destinados ás perfurações em ferro, paredes e madeira. Dispõem ainda de uma tesoura de aço destinada ao corte de chapas de cofres. Também foram apreendidas serras e outras ferramentas, todas desmontáveis.

E' a primeira vez que a Policia toma conhecimento dum material tão perfeito, que até serve para arrombar portas onduladas.

Parece que estes presos são autores dos arrombamentos de varios cofres que ha um ano se deram em diversas casas comerciais.

CAFÉ LA GARE

A nova gerencia deste conhecido café convida V. Ex.ª a experimentar os deliciosos bifes, a excelente canja e o seu novo tipo de café.

LARGO D. JOÃO DA CAMARA, 5. — Lisboa

O uso constante da AGUA DAS LOMBADAS não é prejudicial, antes regula as funções gerais e vigoriza os organismos debilitados.

Opiniões da Imprensa

Sobre o debate nos Comuns

O «Times» frisa:

«A questão espanhola constitue apenas um dos multiplas aspectos do pacto anglo-italiano. Este consiste, de facto, em adaptar as relações dos dois países, por toda a parte, desde as Canárias até á Arabia, e desde a Palestina até ao Kenya.

O accordo de abril abre o caminho para uma colaboração na esfera colonial, em troca de informações navais e militares; ao mesmo tempo, obriga os dois signatarios a respeitar o «status quo» territorial no Mediterraneo».

O «Daily Telegraph» diz:

«Se o governo inglês tivesse querido encontrar desculpas para não pôr o accordo em vigor, encontrá-las-ia com toda a facilidade.

Tratava-se, porém, de saber se uma interpretação estreita e formalista do accordo era mais importante do que conseguir a melhoria da situação geral da Europa».

O «Daily Express» escreve:

«Devemos felicitar Chamberlain. A Inglaterra deve deixar á Italia liberdade para desenvolver o seu imperio colonial, consagrando-se aos seus vastos territorios de além mar».

O «News Chronicle» informa:

«Nada foi solucionado, em relação, á Espanha. Nada será solucionado enquanto Mussolini estiver resolvido a fazer triunfar Franco.

A Italia retirará as suas tropas quando o plano britânico for applicado; mas o plano não pode ser applicado, se não quando Franco o aceitar. Ora Franco não deu qualquer indicação de estar disposto a enveredar por esse caminho.

A Grã-Bretanha consentiu em reconhecer a conquista da Etiopia, mas o Duce continua a intervir em Espanha».

Sobre as relações anglo-alemãs

O «Matin» declara:

«Em certos meios afirma-se que Chamberlain preparava um novo encontro com Hitler. Quando Neville Henderson regressar ao seu posto de Berlim, levará instruções para reatar os contactos iniciados em Munich.

As novas negociações devem realizar-se antes do Natal. Se elas derem os resultados esperados, poderão iniciar-se logo conversações entre as quatro potencias».

A «Action Française» afirma:

«Não se compreende a indulgencia de Chamberlain para com Hitler, como não se compreende a attitude hostil de Eden para com Mussolini.

Se Chamberlain conseguir solucionar a questão do Mediterraneo já isso representará muito para a França e para a Inglaterra».

Sobre a Europa Central

O «Figaro» esclarece:

«A Checo-Eslovaquia ficou muito impressionada com a sentença arbitral de Viena.

O desamparamento foi grande, sobretudo na Eslovaquia, mas ainda maior na Rutenia».

«L'Epoque» escreve:

«A Checo-Eslovaquia está agora á mercê da Italia e do Reich. Ha semanas ainda a Checo-Eslovaquia era a nossa aliada fidelissima. Como continuará a sê-lo, depois de constatar o nosso abandono?

Ha entre nós ainda pessoas dispostas a celebrar o fim das nossas alianças e a aplaudir a nova orientação da nossa politica extrema. O futuro lhes mostrará, em breve, a sua criminoso cegueira».

O «Hamburger Fremdenblatt» declara:

«As duas potencias do eixo pronunciaram a sua sentença sobre o futuro destino do sudeste europeu».

O eixo Roma-Berlim substitue, dora avante a Pequena Entente».

O «Deutsche Allgemeine Zeitung» diz:

«A Europa de Versailles está feita em pedacos e não se pode ter confiança no Tribunal de Haia».

O «Lokal Anzeiger» afirma:

«Foi posto de parte o projecto de uma fronteira comum. As fronteiras definitivas da Checo-Eslovaquia estão agora fixadas».

Tapetes Portuguezes

Ninguém compre sem visitar a interessante exposição da Casa de Artigos Regionais — Arte e Mémoria — Alecrim, 71, 1.º — Telefone 20711.

De ontem para hoje

Na provincia

■ Na festa da Senhora da Saude, em Póvoa de Cima (Nelas), travou-se um duelo de morte, á pistola, entre Joaquim Tavares, fotografo ambulante, e um individuo conhecido pelo «Cigano Pinto». O primeiro morreu com uma bala no coração.

■ No sitio da Ribeirinha, perto de Mogadouro, descobriram-se três sepulturas que se supõe serem pre-historicas.

No estrangeiro

■ A Camara dos Comuns aprovou por grande maioria a intenção do governo de pôr em vigor o acôrdo anglo-italiano de abril.

■ Foi publicado um comunicado em Viena, como conclusão da entrevista Ciano-Ribbentrop, liquidando a questão de fronteiras existente entre a Checo-Eslovaquia e a Hungria.

■ Prossequindo na sua offensiva as forças nacionalistas do sector do Ebro conquistaram a serra de Pandols.

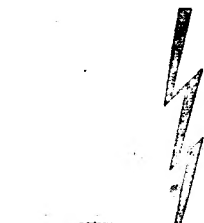
■ Um navio de guerra da armada de Franco atacou, no mar do Norte, o vapor «Cantabria» que andava ao serviço de Barcelona, incendiando-o e afundando-o. A tripulação do «Cantabria» salvou-se.

■ Registrou-se um novo incidente de fronteiras entre russos e japoneses.

■ A greve geral de protesto declarada na Palestina, estendeu-se á Siria e ao Líbano.



A PELICULA DE PROTECÇÃO PARA ARRANQUE MAIS VELOZ



Os motores arrancam instantaneamente quando os êmbolos deslizam na famosa «Película de Protecção» do novo VEEDOL 23% Mais Duradouro, o novo VEEDOL conserva-se mais tempo, realiza novas economias em quilómetros-por-litro, e é superior em protecção! Graças ao novo óleo de motor VEEDOL, V.S., registrará um novo rendimento, economias dignas desse nome, e uma apreciável baixa nas despesas de reparação! Experimente-o hoje mesmo! E lembre sempre que os motores duram mais tempo com este óleo mais duradouro!

O OLEO PARA EXTRA KILOMETRAGEM 23% mais duradouro
VEEDOL

Distribuidores Gerais para Portugal:

S. I. O. L.

Sociedade Importadora de Oleos, Lda
LISBOA

Rua da Prata, 80—Tel. 23285

PORTO

R. Cândido dos Reis, 93/95

Tel. 1838

DIA RELIGIOSO

Amanhã, 4—S. Carlos Borromeu, bispo confessor.

Lausperene, sai da igreja do Bom Sucesso, para a capela de N. Senhora das Dóres, á Boa Morte. Bom Sucesso, ás 11, missa, reposição e benção. Capela das Dóres, ás 11 e 30, missa solene e exposição do Santíssimo; ás 18, terço de benditos.

Graça, ás 11, missa e exposição da imagem do Senhor dos Passos.

Baile de caridade

AMADORA, 1.—Promovido por uma comissão de senhoras e cavalheiros desta vila, realiza-se no dia 5 do corrente, nos salões da Junta de Freguesia, um grande baile, cujo produto liquido reverte a favor do cofre da Beneficencia, desta instituição.

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«Maria Stuart».
TRINDADE—A's 21 e 45—«Duas Mães».
APOLO—A's 20 e 45 e 23.—«Isclas com elas».

CINEMAS

S. LUIZ—A's 21 e 30.
TIVOLI—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO—A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 15.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 ás 0 horas.
PALACIO—A's 21 e 30.
POLITEAMA—A's 21 e 30.
REX—A's 21 e 15.
ROYAL—A's 21.
SALÃO IDEAL—Rua do Loreto.



CORREIO AEREO

SERVIÇO BI-SEMANAL

PORTUGAL - AMERICA DO SUL
EM 48 HORAS

RESPOSTAS DENTRO DE UMA SEMANA

Aero - Portuguesa

33, R. Alecrim, — Telef. 2 3371

TODOS OS DOMINGOS A'S 8 E 15

para: Marrocos-Africa Ocíd. Francesa-Guiné Portuguesa e Francesa-Libéria-Costa do Marfim e do Ouro e AMERICA DO SUL

ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 5 horas da manhã de Domingo

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.

Deutsche Lufthansa A. G.

34, Aven. 24 Julho—Telef. 6 0343

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

para: Las Palmas, Bathurst e America do Sul

ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 9 horas da manhã de 5.ª feira

Serviço Diário para Passageiros, Mercadorias e Correio entre Lisboa-Berlim com escalas em Salamanca, Marseille, Genève e Stuttgart No Mesmo Dia



Quando a sopa levantar a primeira fervura junte-lhe um decilitro de vinho do Porto, por cada dois litros de caldo, e verá o que é uma sopa saborosa e agradável.



BOLSA DE LISBOA

3 de Novembro

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Consolidado 3 3/4 T. 10.	935\$00	—	935\$00
Consolidado 4 1/2 T. 10.	980\$00	—	980\$00
Consolidado 4 1/2 T. 10.	1.022\$00	1.021\$00	1.022\$00
Consolidado 4 3/4 T. 10.	1.148\$00	1.147\$00	1.150\$00
Consolidado 5 1/2 T. 10.	1.054\$00	1.053\$00	1.055\$00
Obgs. Tesouro 3 1/2 T. 10.	—	—	—
Externas 1.ª série	1.670\$00	1.665\$00	1.674\$00
Externas 1.ª carimbadas	1.709\$00	1.706\$00	1.714\$00
Externas 3.ª série	—	—	—
Externas 3.ª carimbadas	1.778\$00	1.778\$00	1.780\$00
Cautelas da 3.ª serie sifj.	150\$50	150\$50	151\$00

Ações

Esp. S.ª e Com. Lx.ª port.	—	—	—
Lisboa e Açores port. ..	358\$00	357\$00	360\$00
Ultramarino cp T. 10 ..	—	20\$50	22\$00
Portugal port. T. 5.....	—	—	1.090\$00
Fidelidade.....	—	—	—
Mundial	—	—	—
Nacional	—	—	—
Sagres.....	—	1.300\$00	—
Agua Lisboa port.	—	258\$00	262\$00
Agua Lisboa 1934 T. p. ..	—	150\$00	—
Agua Lisboa 1936 T. p. ..	—	149\$00	152\$00
Cervejas Estrela	—	—	—
Cimentos Tejo	—	391\$00	400\$00
Cimentos Leiria T. p. ..	—	340\$00	360\$00
Credito Predial	118\$10	11\$00	11\$30
Gas e Electricidade.....	296\$00	295\$50	296\$00
Alto Alentejo 1.ª 2.ª em.	—	300\$00	319\$00
Alto Alentejo 3.ª 4.ª em.	—	290\$00	319\$00
Industria Aliança.....	—	98\$00	—
Portugal e Colonias.....	91\$80	91\$70	91\$90
Nacional Navegação T. p.	147\$00	146\$50	147\$00
Colonial de Navegação.....	—	—	61\$00
Portuguesa de Pesca.....	354\$00	353\$00	355\$00
Ind. Farmaceutica	288\$00	286\$00	290\$00
Portuguesa de Tabacos.....	389\$00	389\$00	390\$00
Tabacos de Portugal.....	330\$00	330\$00	330\$50
União Electrica Portug.	—	—	—
Jassequel	227\$50	227\$50	228\$00
Agricola das Neves.....	188\$00	187\$00	189\$00
Agricultura Colonial.....	161\$00	161\$00	161\$00
Açúcar de Angola.....	382\$00	381\$00	382\$00
Buzi 1.ª emissão T. p. ..	41\$70	44\$50	44\$70
Ilha do Principe.....	239\$00	238\$00	240\$00
Zambesia T. 25.....	18\$70	18\$70	18\$80

Jbrigações

Norte de Portugal 5 %.	—	103\$00	104\$00
C. P. 6 %.	167\$00	167\$00	167\$50
C. P. 6 % Beira Baixa...	171\$50	171\$00	172\$00
Agua Lisboa 4 1/2 cp.	—	83\$50	—
Prediais 5 % 1935.....	—	85\$50	86\$50
Prediais 5 % 1937.....	—	85\$50	86\$50
Prediais 6 % 1932 1.ª.....	—	91\$50	92\$00
Prediais 6 % 1932 2.ª.....	—	91\$50	—
Prediais 6 % 1934 1.ª 3.ª	92\$30	92\$20	92\$50
Prediais 6 % 1934 4.ª 6.ª.....	—	91\$90	—
C. N. L. Moagem 5 % 1.ª p.	915\$00	910\$00	921\$00
União Elect. Port. 5 %.....	—	104\$00	105\$00
União Elect. Port. 6 1/2 %.	116\$00	115\$00	116\$00
Buzi 6 1/2 % T. p.	113\$50	113\$00	—
Buzi 5 1/2 % T. p.	—	116\$00	117\$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

TELEF. 2 5482 RUA S. JULIAO, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres.....	110\$15	110\$19
New-York.....	23\$14.9	23\$16.2
Paris.....	\$61.6	\$61.6
Berlin.....	9\$26.7	9\$27.3
Amsterdã.....	12\$59.8	12\$60.5
Bruxelas.....	3\$91.5	3\$91.7
Roma.....	\$21.8	\$21.9
Zurich.....	\$22.2	\$22.5
Praga.....	\$70.6	\$70.7
Rio de Janeiro.....	1\$36.2	1\$36.3
Burgos (Espanha).....	—	—
Libra ouro.....	—	—

Trelas

Açamos

Coleiras

Peitorais

Chicotes para cães, etc.

Todos os produtos para tratamentos e alimentação de cães



KUR-MANGE,
SOPEX, PULVEX
SABONETES, ES.
COVAS, BOLA-
CHAS INGLESA.
BISCOITOS, ETC.

A. M. SILVA

Rua da Betesga, 67

Descontos para revenda

Leiam o

fixe

Brandy Borges
 com água gasosa
 ou mineral é um ape-
 rilho agradável,
 económico e alta-
 mente tónico.

ESTRANGEIRO

Não seja preguiçoso
 experimente o Atacador
DUPLOS
 o mais pratico e economico

A questão colonial

A conferencia internacional

LONDRES, 3.—Ao correspondente do «News Chronicle» em Berlim consta que o governo alemão foi avisado da intenção de Pirow propôr ao Reich quando da sua proxima visita, fazer-se representar na conferencia pan-africana, onde estariam igualmente representadas a Grã-Bretanha, a França, a Bélgica, a Itália, a Espanha e Portugal e cuja ordem do dia comportaria a distribuição de materias primas e garantias mutuas de segurança.—(Havas).

Pirow vai a Bruxelas

LONDRES, 3.—Anuncia-se que o ministro da Defesa da União Sul-Africana, dr. Osward Pirow, que veio a Londres conferenciar com o governo inglês, partirá brevemente para Bruxelas, onde conferenciará com o primeiro ministro belga, Spaak.—(U. P.).

O problema da habitação

nos Estados Unidos

WASHINGTON 3.—O presidente Roosevelt anuncia que o governo vai proceder à construção de casas economicas destinadas a familias modestas. Para a execução deste plano movimentar-se-á certo capital parado, que servirá para dar trabalho e fornecer casas acessíveis, que serão cedidas ao preço de 3.000 dolares e poderão ser pagas em prestações de cinco e dez dolares mensais.—(United Press).

A SITUAÇÃO EM FRANÇA

A posição dos comunistas

PARIS, 3.—A direcção do partido comunista reafirma a sua fidelidade inabalável à Frente Popular e ao seu programa, numa carta que dirigiu ontem ao «comité» nacional daquele agrupamento. Sublinha que um partido não tem o direito de excluir outro da Frente Popular e expõe o seu conhecido ponto de vista quanto à Checo-Eslováquia e Espanha.—(H.).

O Mexico e os judeus

MEXICO, 3.—Os serviços de emigração proibiram o desembarque de 21 judeus do «Orinoco», e embarcaram no mesmo navio, com destino à Europa, outros judeus alemães recentemente entrados no Mexico.—(Havas).

O rearmamento naval

dos Estados Unidos

WASHINGTON, 3.—O Departamento da Marinha recebeu hoje propostas para a construção em estaleiros particulares de 3 couraçados de 35.000 toneladas: o «Indiana», «Massachusetts» e «South Dakota», ao preço de 70 milhões de dolares para cada um. O quarto navio da mesma categoria, «Alabama», será construído no Arsenal da Marinha. Os novos vasos de guerra, que substituirão quatro unidades atingidas pelo limite de idade, serão do mesmo tipo que os couraçados «Washington» e «North Carolina», que se encontram actualmente em construção. Capazes de atingir 25 nós, serão armados com 9 canhões de 16 polegadas, de canhões anti-aéreos e de dispositivos contra ataques de submarinos.—(Havas).

A greve arabe na Palestina

JERUSALEM, 3.—A greve arabe deu ontem origem a multiplos incidentes. Contam-se 16 arabes mortos, 1 judeu assassinado e 20 rebeldes feridos em acções diversas. O incidente dominante foi a batalha de Charkich, em que 10 insurrectos encontraram a morte. Efectuaram-se em Jafa 100 prisões.—(Havas).

Hull foi reeleito presidente da «União Pan-Americana»

WASHINGTON, 3.—O conselho de governadores da «União pan-americana» reelegeram unanimemente Hull presidente da União.—(Havas)

AGRADECIMENTO

Sofria há seis anos de reumatismo e tabes, com dores fulgurantes, e, apesar de ter tentado varios tratamentos, só consegui que estes sofrimentos fossem aliviados com o tratamento que V. Ex.^a me fez pela Simpatocoterapia—método do Dr. Vidal.

Apenas com dez sessões de tratamento, declarei-lhe que as dores fulgurantes desapareceram, bem como o reumatismo e, por isso, lhe agradeço infinitamente o que lhe é muito grato

Fernando Faria

Rua do Ouro n.º 39

Porto, 3/IX/38

Consultas todos os dias das 10 às 12 h. e das 15 às 19 h. no Consultorio de Simpatocoterapia, dr. Jorge Santos, 11 Praça do Rio de Janeiro—Telef. 2 6344—Lisboa.

A divida brasileira

foi objecto duma interpelação na Camara dos Comuns

LONDRES, 3.—A Reuter anuncia que sir John Meller, conservador, perguntou ontem ao primeiro ministro se tencionava fazer nova declaração a respeito do serviço dos empréstimos emitidos pelo governo brasileiro.

Butler, sub-secretario de Estado para os Negocios Estrangeiros, respondeu: «Durante os ultimos meses, o embaixador inglês no Rio de Janeiro chamou por varias vezes a atenção das autoridades competentes do Brasil para aquele assunto sem, no entanto, haver obtido sugestões concretas quanto à questão do recomeço dos pagamentos relativos à divida externa do Brasil. O governo britânico disse—continuará a dar o mais completo apoio ao «comité» dos portadores estrangeiros nos seus esforços tendentes a obter propostas aceitaveis do governo do Brasil».

Seguidamente, o trabalhista Gibson perguntou: «Butler é partidario da destruição dos cafés pelo governo do Rio e encara a aceitação duma parte daqueles cafés por conta da divida?».

Não posso responder—concluiu Butler—mas penso que o «comité» dos portadores estrangeiros está a encerrar todos os aspectos da questão.—(Havas)

Dr. Washington Luiz

RIO DE JANEIRO, 3.—O aniversário natalício do ex-presidente da Republica dr. Washington Luiz, actualmente exilado voluntariamente em Portugal, foi comemorado com uma missa que os seus amigos políticos e pessoais mandaram celebrar na igreja da Candelaria.—(United Press).

A catastrophe de Marselha

MARSELHA, 3.—Dá-se a seguir o ultimo balanço da catastrophe de Marselha: 72 desaparecidos, 70 dos quais eram empregados de «Nouvelles Galeries». Foram retirados 44 corpos, dos quais só 7 foram identificados.—(H.).

As carreiras aereas

sobre o Atlantico norte

NOVA YORK, 3.—William Coverdale, presidente da companhia de navegação «American Export Lines», declarou que os serviços americanos regulares de transportes comerciais aereos sobre o Atlantico Norte, serão inaugurados em abril proximo. Para esse efeito, a companhia consagrará 450 mil dolares á organização da linha: de Nova York-Baltimore-Boston e Paris, via Açores e Bordeaux provavelmente com destino a Berlim, Roma, Atenas e Alexandria. As primeiras viagens serão experimentais e os aviões transportarão unicamente correio. Os aviões destinados ao serviço poderão transportar 20 pessoas, que terão camas á sua disposição. A viagem durará 18 a 20 horas. Os aparelhos utilizados possuirão 2 motores de 1.400 CV e o raio de acção de 6.500 quilometros.—(Havas).

Viagem de estudo

de aviadores e industriais italianos

BUCARESTE, 3.—Chegaram a Bucareste alguns aviadores e industriais italianos, entre os quais figuram Raffaele Riccardi, ex-sub-secretario de Estado do Ministerio do Ar; o general Bruno, director das construções tecnicas e militares italianas do Ar; o engenheiro Erico, representante dos estaleiros navais italianos e diversos representantes das fabricas de explosivos e munições, assim como membros do Instituto italiano para o commercio com o estrangeiro. Efectuarão na Romania uma viagem de estudos.—(Havas).

A agitação na Siria

e no Libano

BEIRUTE, 3.—Realizaram-se na Siria e no Libano manifestações de hostilidade, por ocasião do aniversário da declaração Balfour. Em Beirute ficaram feridas umas 30 pessoas, entre as quais alguns policiaes. Efectuaram-se 30 prisões.—(Havas)



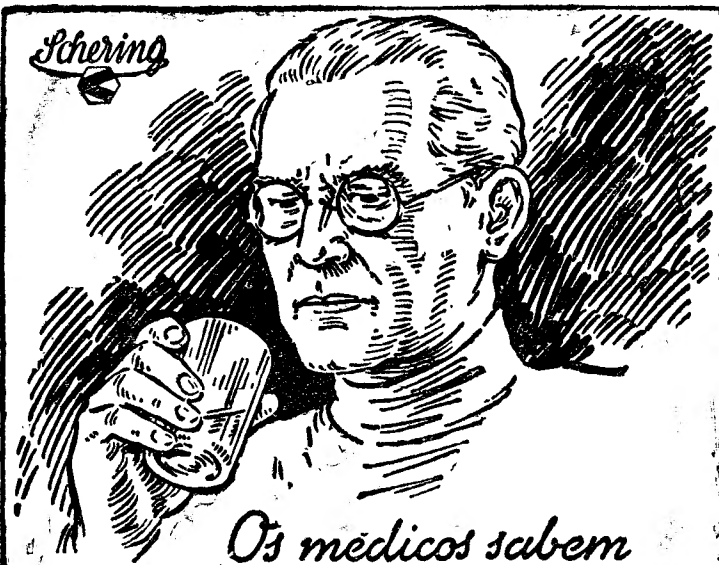
CHAPÉU PALMARES

Rua do Ouro, 266, 2.º

NÃO PODEM MUDAR DE CARA MAS PODEM MUDAR DE CHAPEU

O seu chapéu deverá harmonizar com o feitiço do seu rosto. Um rosto oval e alongado necessita dum chapéu diferente daquele que carece um rosto redondo e de traços pouco acentuados. Guie-se pelos conselhos de PALMARES, o chapeleiro especialista. A partir de 50\$00.

Camisaria Adão
 R. Augusta, 240
 Loja das Meias
 Rossio, 1



Os médicos sabem apreciar melhor do que ninguém o valor de um medicamento.

Os próprios médicos tomam Veramon contra as dores de cabeça e dos dentes, porque estão convencidas das suas propriedades extraordinárias.

É porquê o Veramon?

Porque o Veramon, graças à sua composição química especial, produz o máximo efeito calmante sem prejudicar seja no que fôr. O Veramon não provoca sono, não produz ardores no estômago nem ataca o coração.

VERAMON

Acalma sempre sem nunca prejudicar

Embalagens originais:
 Tubos com 10 e 20 compr.

PAPEIS PINTADOS, FAZENDAS E ETAMINES

ULTIMAS NOVIDADES A PREÇOS EXCEPCIONAIS
MIGUEL DOS SANTOS, LTD.

102 - RUA NOVA DO ALMADA - 104 Telef. 2 5601

PAPEIS PINTADOS

Oleados — Passadel-
ras, etc.Lopes dos Santos, L.^{da}Rua Augusta, n.ºs 82 e 84
Telef. 2 3637

ULTIMAS NOTICIAS

Supersom Rádio

oiçam / examinem / confrontem
o rádio mais belo do mundo

Agentes Gerais

COSTA & BRITO LDA.
Rua da Concelção, 35-t.º

O MOMENTO INTERNACIONAL

A Hungria fica com mais um milhão de habitantes
em consequência da sentença arbitral de Viena

BUDAPESTE, 3.—Devido à sentença arbitral de Viena, o território da Hungria será aumentado em aproximadamente 112.400 quilómetros quadrados, com 1.064.000 habitantes. O número de habitantes do país excederá dez milhões e o território cem mil quilómetros quadrados.—(D. N. B.)

Entusiasmo em Budapeste

BUDAPESTE, 3.—Imediatamente depois de ser conhecida a notícia da sentença arbitral de Viena uma multidão composta por dezenas de milhares de pessoas organizou uma marcha com balões e dirigiu-se para a presidência do conselho. Imredy falou ao povo, duma janela dizendo que os dias de alegria serão seguidos dum período de duro trabalho, porque se deve construir uma nova Hungria nacionalista, concebida pelo espírito militar e pela consciência nacional, servindo a moral cristã e a justiça social.

Em seguida, a multidão dirigiu-se para a praça do Castelo Real, para prestar uma homenagem entusiástica ao regente.

O «maire» de Budapeste acaba de ordenar o embandeiramento da cidade de 3 a 10 de novembro.—(D. N. B.)

As apreensões da Romenia

BUCARESTE, 3.—A sentença arbitral de Viena confirmou as apreensões dos círculos romenos com respeito ao futuro da Checo-Eslováquia.

Com as vias de comunicação interrompidas em múltiplos pontos, Praga muito dificilmente poderá manter relações com a Rússia sub-carpatica e Romenia. Felicitam-se, todavia, por não terem prolongado a fronteira húngaro-romena até ao ponto onde ficariam ameaçadas as linhas de defesa da Romenia.—(Havas).

Uma alocução de Tissov

BRATISLAVA, 3.—Tissov fez uma alocução pela rádio. Declarou que os eslovacos estão gratos aos acordos de Munich pelo que lhes resta. «Sem Munich—disse—toda a Eslováquia estaria hoje partilhada pelos estados vizinhos».

Depois Tissov fez um apelo às populações das regiões cedidas para que não abandonem os territórios até que se regule a questão da opção. «As fronteiras—disse—podem sofrer alteração, mas nada pode separar os eslovacos uns dos outros». Tissov convidou especialmente os intelectuais eslovacos a darem o exemplo ao povo.—(Havas)

Novo governo ruteno

PRAGA, 3.—O governo autonomo da Rússia sub-carpatica procedeu á nova distribuição provisória de pastas e publicou a seguinte lista: Mgr. Volosin, presidente do Conselho, sobraça simultaneamente as pastas do ministério da Instrução Publica, das Finanças, do Comercio e da Agricultura, ministro do Interior, dr. Edmundo Dacinsky; ministro das Obras Publicas, da Previdencia Social e da Higiene—Julius Revay; ministro da Justiça, dr. Ivan Pjescak, secretario de Estado. O dr. Stefan Fencik continua a ser ministro plenipotenciário encarregado exclusivamente das negociações para a fixação das fronteiras da Eslováquia e da Rússia sub-carpatica.—(Havas)

O final do debate nos Comuns

LONDRES, 3.—O debate na Camara dos Comuns terminou pela intervenção de Philip Noel Baker, que falou em nome da opposição trabalhista. Admirou-se de ver a Inglaterra reconhecer a soberania italiana num país

«ainda longe de ser conquistado». Acentuou que a agitação arabe começou com a campanha da Etiopia. «Aprovamos—disse finalmente—a violação de novos compromissos internacionais e vibramos um novo golpe no Direito».

O sub-secretario de Estado do «Foreign Office», Butler, encerrou o debate em nome do governo. Disse que o acordo anglo-italiano não é senão uma fase da politica de paz por via de negociações activas e de conciliação. Com respeito á retirada dos voluntarios que combatem em Espanha, o sub-secretario disse que os voluntarios do lado governamental ainda não abandonaram esse país. «E' extraordinario—acrescentou—ver que, quando um soldado italiano é repatriado, passa por doente invalido. A verdade é que Mussolini retirou aproximadamente metade das suas tropas de infantaria—são as informações precisas que possuímos e não tenho nenhuma razão para duvidar da palavra de Mussolini». Estas palavras provocaram protestos e risos dos elementos da opposição.

Butler deu á opposição a garantia de que a entrada em vigor do acordo anglo-italiano não alteraria a attitude da Inglaterra com respeito á Espanha. Fez alusão á concessão da belligerencia declarando que esta questão «está ligada á execução do plano elaborado pela comissão de não-intervenção». Assegurou em seguida á opposição que os aspectos humanitarios do problema espanhol não deixariam o governo indifferente.

Com respeito á Etiopia especificou que, á excepção do distrito de Amkabar, os italianos não encontram grandes dificuldades. «Sem assistência estrangeira—disse—os etíopes não conseguirão reconquistar o dominio do seu país. Consequentemente creio que se pode dizer que os italianos estão senhores da Abissinia, com excepção daquela pequena região». No seu discurso o sub-secretario declarou que o governo deseja unicamente ser amigo de todos os povos e cooperar com eles.

Seguiu-se a votação da moção do governo para a aprovação da entrada em vigor do acordo anglo-italiano, que foi aprovada por 345 votos contra 138.—(Havas).

O Reich perante a politica inglesa

BERLIM, 3.—Os círculos políticos alemães consideram a recomposição do gabinete de Chamberlain como resultado sobretudo de considerações de politica interna e como não significando uma nova orientação na politica externa inglesa. Com respeito ao plano de limitação de armamentos os mesmos círculos são de opinião que a Alemanha não deve actualmente fazer propostas e não deve em caso algum interromper os trabalhos em curso nas suas fronteiras.

A proposito do novo plano de Chamberlain, de que seria brevemente portador o embaixador inglês em Berlim o «Danziger Vorposten», que muitas vezes reflecte a opinião dos meios dirigentes, escreve: «Segundo informações de Londres, o plano de Chamberlain comportará propostas concretas para o pacto de desarmamento e a paz entre as potencias europeias. Como as primeiras propostas para a limitação foram feitas precisamente do lado alemão, nomeadamente por Hitler em 1935, pode supor-se que se está pronto em Berlim para examinar o plano sem prevenção. Até aqui de resto nada sobreveio que autorize esperanças optimistas. Há a notar que as iniciativas da politica alemã neste

dominio foram completamente ignoradas nos anos anteriores pelas potencias occidentais».—(Havas)

O eixo Roma-Berlim

A conferencia Ciano-Ribbentrop, marcada para ontem em Viena teve um duplo significado: mostrou que as potencias do eixo mantêm, uma em relação á outra, as suas exigências de prestigio e simbolisou para o nazismo a desforra das horas trabalhadas e inquietas que precederam o Anschluss.

Era nessa cidade de Viena que se mantinha bem vivo o fogo da resistencia á invasão germanica na Europa central e oriental; ninguém o ateara com maior cuidado e vigilancia do que o Duce da Italia fascista.

Bulow dissera um dia que ganharia a guerra quem finalmente se apoderasse do bastião vienense. O Reich soube fazê-lo sem disparar um tiro.

O funcionamento do eixo que exprime a unidade de vistas das potencias totalitarias tem-se mostrado perfeito em todos os aspectos da vida internacional que se não prendem com a zona danubiana: campanha da Abissinia, luta anti-comunista, pacto germano-italo-japonês, Espanha. Mas é evidente que os pontos de fricção surgem logo que se trata da região da Europa onde o imperio italiano defendia interesses legítimos e importantes e que, cada vez mais, tende a ser uma zona de influencia economica exclusiva para o Reich.

O acordo de Munich ainda não produziu todas as suas consequências. O ponto de vista alemão e o ponto de vista italiano opuseram-se na questão da fronteira comum polono-hungara. A Polonia, a braços já com o problema das suas minorias e da sua opposição politica, desistiu. A Hungria, que joga uma carta essencial para o seu futuro, submeteu-se á vontade de Berlim que domina inteiramente a situação.

O destino, que não poupa as suas ironias aos homens e aos acontecimentos, criou esta situação paradoxal: a sombra do Reich perfila-se em defesa da Checo-Eslováquia desmembrada e a sorte deste país decide-se entre alemães e italianos, na cidade historica que constituiu, durante tantos anos, uma ameaça de guerra entre os dois povos.

Afastada a concorrência franco-britânica dos mercados danubianos e balcánicos, extinta a chama da sua influencia politica, Hitler e Mussolini resolveram em nome dos seus interesses e do seu futuro. Mas é preciso não esquecermos que, enquanto o primeiro tem os movimentos livres, o segundo precisa resolver uma serie de dificuldades previas sem o que toda a sua acção no Danubio pode vêr-se comprometida de um momento para o outro.

Do primeiro encontro Ribbentrop-Ciano, em Roma, não resultaram conclusões definitivas sobre o ponto inicial da divergência.

O comunicado final da reunião de Viena, embora não represente a liquidação definitiva do diferendo checo-hungaro, marca mais um passo da preponderancia germanica que nada agora já poderá deter.

A GUERRA SINO-NIPONICA

Konoye quer a revisão
dos tratados
que dizem respeito ao Oriente

TOQUIO, 3.—Num discurso radiodifundido, Konoye proclamou a necessidade da revisão geral dos tratados internacionais relativos ao Oriente. O fim deste revisionismo—disse—«é fazer desaparecer os ataques á independencia e paz impostos pelo imperialismo occidental ao Oriente».

Konoye exprimiu a gratidão da nação japonesa para com a Alemanha e Italia pelo auxilio e compreensão de que deram provas. «O incidente da China—declarou—convenceu-nos da necessidade de reforçar os laços que nos unem áqueles dois países e de colaborar para que se estabeleça no mundo uma ordem nova baseada na nossa ideologia comum».

Seguidamente, o primeiro ministro japonês condenou os tratados internacionais, tais como o «Covenant», que—disse—«querem manter o «statu quo», isto é, a desigualdade entre as nações».

O orador definiu assim a ordem nova: «Sem fazer da justiça internacional um código escrito, o novo sistema de paz deve ser capaz de seguir o progresso e de se inspirar numa sã compreensão de todas as actividades humanas, tais como, o commercio, emigração, exploração dos recursos naturais e cultura».

Konoye sublinhou finalmente a grandeza da tarefa da nação japonesa e terminou: «Entramos numa era nova. O combate apenas começou».—(Havas).

A situação economica do Japão

TOQUIO, 3.—A Imprensa publica uma declaração de Ikeda, ministro das Finanças, em que este faz um apelo á nação. Ikeda convide todos os japoneses a redobram de esforços e anuncia que a missão do Japão consiste em explorar os recursos naturais do país e em desenvolver as industrias no Oriente. O nosso país—diz a declaração—«terá necessidade de importantes capitais e de grandes quantidades de matérias primas. Consequentemente, é necessario reforçar a fiscalização economica, aumentar as economias e não suavizar as contribuições. Por enquanto—conclue—é prematuro que a nação aguarde a diminuição dos encargos que suporta».—(Havas).

A politica da porta aberta na China

NOVA YORK, 3.—A declaração japonesa respeitante á politica da porta aberta na China é a guerra economica declarada ao mundo—escreve o «New York Times».

«O Japão torna a atacar bruscamente—diz—não só o pedido americano relativo á manutenção do principio da porta aberta, mas também repudia a lei fundamental do governo americano respeitante ás trocas comerciais cujos principios Hull confirmou perante o conselho nacional do commercio externo».—(Havas).

IMPERIUM ALMOÇOS
JANTARES
CHÁS-LANCHES-BANQUETES

ORIGEM INGLEZA-EMBALAGENS DE ORIGEM

Peçam catálogos e tabelas ao agente depositário no Sul

CASA LINO

113-R. BACALHOEIRO-115

Telef. P. B. X. 21374/5

LISBOA

Teleg. «ONIL»

ARCADIA

HOJE — Grande successo das duas melhores orquestras portuguesas: Toselli e Almeida Cruz. Novos numeros de variedades por 20 artistas internacionais.

Tauromaquia

«Bôdas de prata»

«O dr. Jaime Saraiva Lima teve a bondade de escrever a «Zé Sincero» uma carta, que este fez favor de publicar no «Republica», dando-lhe concordância, e pela qual seria publicado pelos meus amigos um livro com as críticas tauromáquicas que escrevi durante 25 anos. A ideia sorriu-me em princípio, mas, pensando bem, é preferível não incomodar ninguém, e ficar com a consoladora impressão de que, após 25 anos de crítico inconformista, ainda tenho amigos. E, agora a sério, não se fale mais das «bôdas de prata», que me pesam como ferro, com algum chumbo á mistura».

«EL TERRIBLE PEREZ»

Thomas J. Watson

A fim de visitar alguns dos nossos monumentos, partiu hoje de automóvel para o norte do país o sr. Thomas J. Watson, presidente da Câmara de Comercio Internacional.

Ficará esta noite no Bugaco, partindo seguidamente para o Porto, onde o Instituto do Vinho do Porto, Gremio dos Exportadores do Vinho do Porto e Associação Commercial lhe preparam uma recepção afectuosa.

O sr. Thomas Watson é acompanhado nesta visita por sua esposa, Mr. Pierre Vasseur e esposa, professor E. A. Lima Basto e Ernesto Ferreira, da Delegação Nacional Portuguesa da Câmara de Comercio Internacional, «mademoiselle» Augusto de Vasconcelos, «madame» Lima Basto Junior e pelos seus secretários.

Regressará a Lisboa depois de amanhã, e na segunda-feira partirá para Gibraltar, via Espanha.

O almoço dos «Carlos»

É amanhã, sexta-feira, dia consagrado a S. Carlos, que se realiza, pelas 14 e 30, o 5.º almoço dos «Carlos», que, como os anteriores, deve reunir numerosas pessoas—artistas, engenheiros, homens de letras e empregados de todas as categorias, numa simpática festa de confraternização.

Nesse mesmo dia, pelas 12 horas será rezada missa na igreja dos Martires, por alma de todos os Carlos já falecidos.

Os pedidos de inscrição devem ser feitos pelo telefone n.º 20158, redacção da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», rua da Horta Seca, n.º 7, 1.º, até amanhã, às 10 horas.

Por causa dum gato

O sr. Alvaro Marques, morador na rua Vitor Gordon, 21, 2.º E., escreveu-nos, dizendo o seguinte:

«Tendo em minha casa um gato de estimação, mandei-o operar e fazer tratamento, desde o dia 29 ao dia 29 da mês passado, na Sociedade Protectora dos Animais, na rua de S. Paulo, 55, 2.º; pois, a pesar de tudo isto — que foi muito bem pago — e de se tratar duma instituição acreditada, o animal faleceu no domingo de madrugada, com ataques e fúrias, suspeitando-se de que estava raivoso. No dia 31 foi enviado ao Instituto Camara Pestana para exame, e para lá tiveram de ir, para tratamento, doze pessoas, por ordem do comando da Policia de Segurança Publica de Lisboa.»

DESASTRE NO TRABALHO

Na sala de observações do hospital de S. José deu hoje entrada, em estado grave, Julio Burgos, de 62 anos, decorador, morador na rua de Santa Marta, que esta manhã caiu de um andaime onde estava a trabalhar na rua Viriato, e sofreu varios ferimentos na cabeça.



A qualidade é excelente
O aroma é sem rival
É o melhor WHISKY
da Escocia

A prestações

Candelieiros de electricidade, ferros de engomar, ventoinhas, cafeteiras, etc. Reparações em todas as marcas de receptores de Radio.

Grande existencia de peças sobrecolantes para receptores R. C. A.

Valvulas R. C. A.

ELECTRO LISBOA, L. DA

Rua Augusta, 246-248

Telef. 20568

Concurso musical

de «troupes» de amadores

Conforme fôra anunciado, terminou ontem o prazo para a cobrança da quota de inscrição dos agrupamentos que deram a sua adesão a este concurso.

Encontram-se inscritos 23 agrupamentos musicais, a saber: Galitos, Estrela d'Ouro, Indiferentes, Os Diabolicos, Os Vitorias, Os Leais, Os Aventureiros, Os Alegres, Oriental, Os Gaudios, Estrelas da Noite, Pompeus, Os Trocistas, Os Triunfadores, Os Peraltas, Os Vaidosos, Americanos, Vencedores, Os Aguias Brancas I, Lusitanos, Rumbas, Os Corôas e Remartinez.

A comissão organizadora, reúne-se amanhã, sexta-feira, pelas 22 horas, recebendo até essa data ainda as inscrições daqueles agrupamentos que têm em seu poder os boletins de inscrição.

A mesma comissão envia aviso para o recebimento da partitura da «marcha»—peça obrigatória do concurso—dando para seu ensaio, pelo menos, quatro semanas.

A todos os agrupamentos inscritos se pede que indiquem os nomes das peças que executam voluntariamente. O regulamento fixa o prazo mínimo de tempo para a execução de cada partitura, de «cinco» minutos, e não é permitida a execução de «suíte» de valsas.

Orfeão Academico de Lisboa

Durante o prazo que decorre entre o dia 7 e 11 do corrente, está aberta a inscrição para o ingresso no O. A. L., a qual se realiza (bem como o exame de voz para os novos) na sala de calculo da Politecnica, das 21 e 30 às 22 e 30.

Devido á excursão ao Minho e a Espanha que se está a preparar para as proximas ferias do Natal, urge acabar rapidamente a inscrição por causa dos ensaios.

10 aniversario do Armistício

As comemorações em Lisboa

A fim de poderem tomar parte nas comemorações do XX aniversario do Armistício, que a agencia de Lisboa da L. C. G. G. leva a efeito no proximo dia 11, foram expedidos a todos os estabelecimentos e oficinas, oficiais e particulares, circulares pedindo que os antigos combatentes sejam dispensados sem perda dos seus vencimentos ou salarios.

As empresas teatrais foi solicitado que, em cena aberta, sejam recitadas poesias alusivas ou feitas alocações ao significado do dia. Igualmente se espera que as mesmas empresas, atendendo o pedido que lhes foi feito, concedam o bonus de 50 0/0 nas entradas aos combatentes da Grande Guerra, mediante a apresentação do seu cartão de identidade.

O programa das comemorações acha-se elaborado com o valioso concurso da Secção Auxiliar Feminina.

Por iniciativa da Secção Auxiliar Feminina será mandada rezar uma missa sufragando as almas de todos os combatentes.

Os dois minutos de silencio guardar-se-ão pelas 16 horas, junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Confraternização de sargentos

Para comemorar a data do Armistício, os sargentos do regimento de Sapadores Mineiros, componentes das companhias expedicionarias á França e Africa durante a Grande Guerra, reúnem-se naquele dia, num almoço de confraternização. A inscrição encontra-se em poder do sr. Alfredo dos Santos, rua Augusta, 196.

Os mesmos antigos combatentes prestarão antes homenagem aos seus camaradas mortos no campo da honra, depondo pelas 11 horas um ramo de flores no monumento aos Mortos da Grande Guerra.

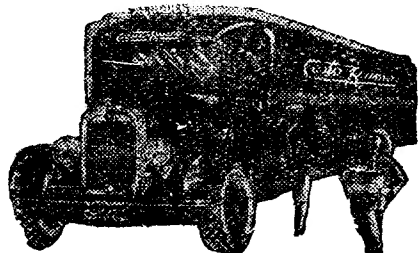
«Era
UMA ESPOSA
ABANDONADA»



Era ela —
a outra mulher

«O meu Paulo, que eu amava tanto, e pai dos meus filhos afastava-se de mim. Raramente passava as noites em casa e, quando estava, era irascível e mostrava-me mau humor. Uma noite vi-o falar com outra mulher. Julguei que o meu coração se despedaçava. Logo que minha irmã nos veio visitar contei-lhe tudo. Ela deu-me um conselho maravilhoso. «Ginette, a maternidade e os trabalhos domésticos estragaram-te a cara, disse ela. Nenhum homem gosta de ver a sua esposa enrugada envelhecida e parecendo fatigada. Mas não desanimes porque conheço um meio rápido e fácil para te desembaraçares dessas rugas e tornar-te a pele clara, fresca e juvenil que fará de ti uma casada sedutora». Ela revelou-me então o seu segredo que consiste em empregar todas as noites, antes do deitar, o Creme Tokalon, Cór de Rosa. Tendo-o empregado fiquei surpreendida com a mudança que elle operou na minha pele. Em algumas semanas as minhas rugas desapareceram e fiquei com o aspecto de rapariga. Agora, o meu Paulo, diz-me que me ama mais do que nunca». O segredo do Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Cór de Rosa consiste em conter uma substancia rejuvenescedora e natural, chamada Biocel, que se encontra na epiderme. Assim que a pele perde o seu Biocel natural as rugas formam-se; logo que se lhe restitui o Biocel elas desaparecem. O Biocel, agora obtida de animais novos, segundo a fórmula do Professor Dr. Karl Stejskal, da Universidade de Viena, está contido no Creme Tokalon. Alimento para a Pele, Cór de Rosa. Empregando-o á noite antes de se deitar toda a senhora pode desembaraçar-se das rugas, rejuvenecer uma pele envelhecida e estragada, e parecer 10 a 20 anos mais nova. O êxito é garantido, de contrario, restituimos o dinheiro do custo.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva para o Depósito Tokalon—88, Rua da Assunção, Lisboa—que atende na volta do correio.



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.

PORTO

LISBOA

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. Julião, 34, 36

Telef. 15061-15062

Telef. 27260

Vida desportiva

FOOTBALL

Porto-Lisboa legionario

Promovido pelo 4.º batalhão da «Legião Portuguesa», a favor de cujo fundo de assistência social reverte a receita do festival, realiza-se no proximo domingo, no Estadio do Lumiar, pelas 15 e 30, um interessante encontro de «football» entre a «equipe» deste batalhão e a da Brigada Naval do Porto, prestando-se a arbitrar o antigo internacional e prestigioso juiz de campo sr. Jorge Vieira.

Os dois grupos, constituídos unicamente por jogadores consagrados, deverão apresentar:

Lisboa — Dyson; Serrano e Cardoso (o antigo defesa do Vitoria); Rui Araújo, Paciência, Manuel Marques, Mourão, Heitor, Joel, Bernardo e Valadas.

Porto — Soares dos Reis; Humberto, F. Sacadura, Pocas, Palhares (do Academico), Dias (do Salgueiros), Alvaro Pereira, Costuras, Julião, Laguna e Carlos Nunes.

Por deferencia da Emissora Nacional será retransmitido por poderosos alto-falantes o relato do jogo Portugal-Suiza que á mesma hora se realizará em Lausana.

Precede aquele desafio um encontro de «hand-ball» entre o Sporting e o Belenenses para disputa da taça «Legião Portuguesa».

Pode desde já adquirir-se bilhetes na sede do Batalhão n.º 4, na avenida da Republica, n.º 18, tel. 51086, e na sede do Sporting Club de Portugal, praça dos Restauradores, 27.

O «football» escolar

O «football» escolar não tem actualmente a animação e o entusiasmo que ha umas épocas passadas em seu apanagio. Assistimos, então, ás pugnas do «football» escolar, onde alguns elementos revelavam vivacidade e habilidade, e esses torneios chegaram a ter fama.

Nota-se, agora, um desinteresse lamentavel por parte das associações desportivas escolares em relação ao mais popular dos desportes.

Sobre o tema «football escolar», foi apresentado no Congresso Nacional de Football uma interessante tese pelo sr. dr. Vergilio Paula, que o classificou um problema de grande alcance no desporto nacional.

A proposito, cumpre-nos recordar a recente acção da Federação Suiza em favor do «football» — desporto escolar.

Nesta campanha tendente a demonstrar a razão do apoio a dispensar ao «football» nas escolas, a federação helvetica, a par de uma propaganda junto das associações desportivas escolares, enviou uma circular aos professores das escolas primarias e secundarias, solicitando-lhes a sua opinião sobre a pratica desta modalidade desportiva nas escolas.

A Federação Suiza verificou, pelas respostas colhidas, que o «football» tem no professorado o melhor dos acolhimentos, pelo que não é de admirar — após a consulta a fazer ás entidades oficiais — vermos na Suiza o «football» considerado como desporto escolar.

HAND-BALL

Taça Preparação

Nas Salesias realizam-se amanhã os seguintes desafios de «hand-ball» para a Taça Preparação:

Sporting-Belenenses, pelas 9 horas; arbitro, Henrique Cruz.

Os Treze-Benfica, pelas 10 e 30; arbitro, Mario Mineiro.

COMPETIÇÕES DE HOJE

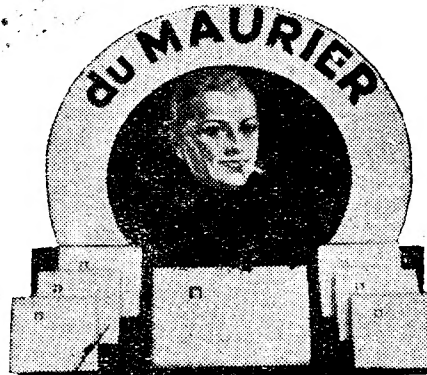
Tiro — Na carreira do Ateneu, ás 21 horas, disputa da taça «D. Eugénio de Noronha».

«Basketball» — No campo do Ateneu, ás 21 horas, disputa da taça «Ateneu Olimpico».

Mocidade Portuguesa Feminina

Todas as senhoras inscritas para o curso de monitoras da «Mocidade Portuguesa Feminina» devem comparecer, para inspecção medica, no Liceu de Maria Amalia Vaz de Carvalho, amanhã, sexta-feira, das 13 ás 14 horas.

Aquelas a quem fôr inteiramente impossivel comparecer neste dia, devem apresentar-se no mesmo local e á mesma hora, no sabado, 5.



Turco ou Virginia

Boquilha-filtro patenteado

O cigarro para fumadores de fino gosto

Metodos de hoje Metodos de sempre

Os militantes e os seus habitos

O partido radical-socialista é a armadura da Terceira Republica francesa. A massa eleitoral está enquadrada pelos militantes e estes constituem os «comités» que representam a verdadeira força do partido. A máquina da administração publica encontra-se, praticamente, ha trinta anos nas suas mãos. Na sucessão de combinações ministeriais impostas pela dosagem das forças parlamentares, os radicais-socialistas reservam sempre, para si, dois ministerios: o do Interior, que lhes assegura a continuidade das autoridades administrativas e o da instrução, que mantém a sua direcção nas escolas.

Assim, as suas fileiras recrutam-se entre o alto e o baixo funcionalismo, a pequena burguesia e a elite rural. O seu dominio quasi constante sobre a máquina do Estado tem-lhe trazido a assistencia de elementos estranhos que lhes favorecem a sua reputação. Como recruta o seu pessoal politico nos mais diversos meios da sociedade francesa, revelam-se por vezes no seu seio correntes opostas, cuja media se traduz por uma adaptação às circunstancias e às necessidades da cada momento. A sua característica historica é a duração; a sua característica politica, uma vitalidade desconcertante.

O que é um Congresso radical

Os radicais-socialistas reúnem o seu Congresso todos os anos, regularmente, no mês de outubro. O ritual dessas reuniões mantém-se inalteravel desde 1901. Além da mesa que orienta os trabalhos, ha comissões e sub-comissões que se encarregam do estudo dos varios problemas, e relatores cujos trabalhos constituem, geralmente, títulos de habilitação para a entrada no governo.

Durante alguns dias os congressistas discutem em sessões publicas, mais ou menos tumultuosas. Mas é nos corredores e nos conciliabulos entre figuras gradas e personalidades com influencia local que se tomam as decisões que a assembleia se encarrega de ratificar.

As duas operações mais importantes que caracterizam o ultimo dia de sessões são, invariavelmente, a votação de uma moção que procura conciliar as tendencias e divergencias reveladas, e a eleição do presidente do partido, que é o seu chefe durante um ano. No final ha o banquete de encerramento tradicional.

O local e a sua tradição

O partido radical-socialista é um partido da provincia. Assim, é na provincia francesa que a sua influencia se exerce, que os seus dirigentes se recrutam e que os seus congressos se realizam.

No fundo, ele representa a reacção do solo e do bom senso nacional contra os excessos ou as inovações audaciosas de Paris. A capital foi, no decorrer deste meto seculo, socialista, conservadora, boulangista, monarchica, comunista. A provincia, através da influencia do proprietario rural, do professor, do empregado dos correios e dos tabacos, manteve-se radical.

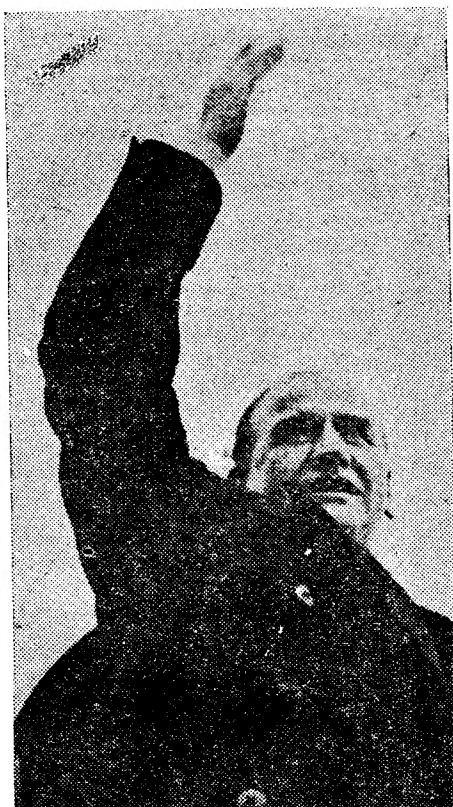
A burguesia francesa reconhece duas formas de propriedade: a terra e o emprego. O partido radical-socialista realiza o milagre de lhes fornecer, alternada ou conjuntamente. E' isso que explica a sua duração e a sua continuidade no poder.

Peguy costumava dizer: «O governo faz as eleições. As eleições fazem o governo».

As influencias e os seus perigos

Das três espécies de influencias que a politica francesa reconhece, o dinheiro, a Imprensa e os chefes, o partido radical-socialista rejeita deliberadamente algumas para cultivar outras com carinho.

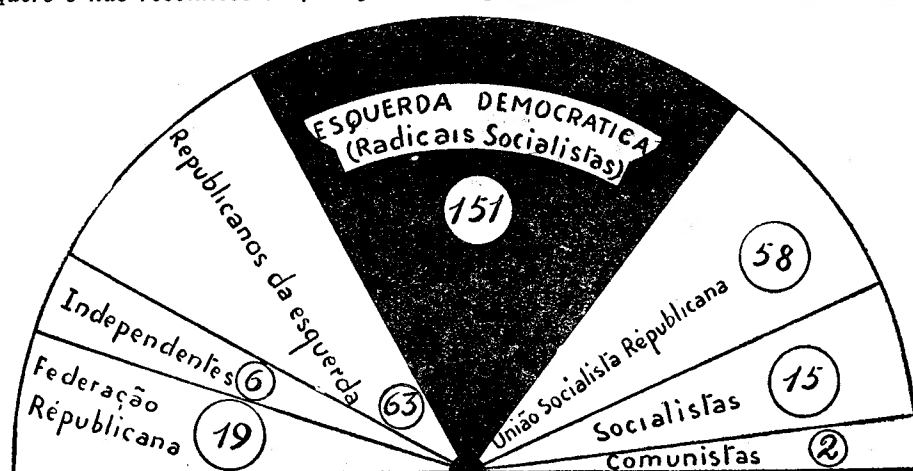
O partido radical viu florescer os grandes manejaadores de negocios suspeitos: Rochette, Madame Hanau, Stavisky; mas soube afastar, com os «escrocs», os protectores que o comprometiam. Não tendo uma palavra de ordem para os jornais partidarios e não impondo a disciplina de voto aos deputados filiados, cria propositadamente a flutuação propicia ao seu de-



Eduardo Daladier, ontem chefe da fracção esquerdista do partido radical, representa hoje as tendencias dos militantes da direita

envolvimento. A Imprensa da provincia é a sua maior força.

Partido de tendencias médias não quer e não reconhece chefes. Quando



No Senado os radicais usam uma designação especial: Esquerda radical. Representando quasi metade dos senadores, manobram a sua vontade a Camara alta e dispõem assim de um trunfo politico que muitas vezes tem decidido do destino e da vida dos governos

algun surge, abate-o. Sucedeu isso a Clemenceau e a Caillaux. Os seus chefes são os individuos representativos de uma mediocridade que não raro decide e triunfa nas pugnas politicas.

Os grandes radicais, Meline, Combes, Sarrien, Bourgeois, Rouvier não aspiram à consagração da historia.



Eduardo Herriot, que chefiava a parte conservadora do partido, acaudilha, neste momento, os seus elementos mais exaltados

O Congresso

Muitas vezes os chefes mudam...

HERRIOT Á DIREITA,
DALADIER Á ESQUERDA

Assim se situavam os dirigentes, antes de 6 de fevereiro. A rivalidade dos chefes do radicalismo francês era conhecida. Daladier ambicionava uma posição que Herriot defendia com a sua habitual tenacidade. As horas heroicas do cartel estavam ainda proximas e a aurora da Frente Popular anunciava-se, como uma revelação.

Herriot encarnava, dentro do partido, as aspirações da burguesia, das forças economicas e dos meios capitalistas; Daladier fazia, nos congressos, nas comissões, no parlamento, uma campanha demagogica que visava a destruição do seu adversario. Foram os elementos extremistas do partido que o atiraram para a aventura e para a aspiração cesarista. Os seus homens de confiança chamavam-se Eugenio Frot e Pierre Cot. Derrotado, refugiou-se na pratica de extranhas doutrinas monetarias. Num congresso expôs a teoria da «moeda fundente» que os presentes ridicularizaram. O bom senso



No Congresso de Marselha, Herriot discursou que foi acolhido com respeito. Deputados foi ouvido, durante a sessão, por Daladier, Cl

coar ou arrastar pelos chefes. Consequencia: uma linha média que lhe permitia nunca se afastar muito do poder. Herriot é um escritor notavel e uma personalidade vigorosa, no campo intelectual e no campo politico; Daladier tem ambições legitimas e aspirações que uma grande parte da França aclama.

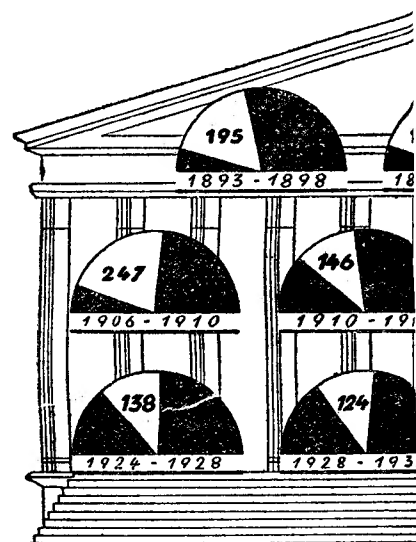
Não importa. O partido sacrifica-se por esse o seu interesse ou o seu destino.

Quem manda, quem orienta, quem dirige, quem encaminha o partido radical socialista francês são personalidades que o grande publico desconhece e o mundo dos profanos ignora. E' secretario geral, Raul Aubaud, que prepara as eleições, e um jornalista da provincia, Maurice Sarraut, da «Dépêche de Toulouse».

Os nomes de Abel Gardey, Chicheur Archimbaud, Guernut, Marchand, Quetle e tantos outros não gosam nunca as delicias da celebridade. Mas têm na terra, as delicias do poder que não exterioriza e se não reclama. Constituem o centro do partido que mantém inalteravel e vigilante.

FUTURO, QUANTAS SUAS PREZAS NOS RESERVA

Um partido assim constituido e a



A representação parlamentar dos franceses antes da guerra. Depois afirmamos ultimamente o numero de deputados bast

O CENTRO MANTEM-SE INALTERAVEL

Ha no partido radical os chefes, e ha o partido. O partido não se deixa atraí-

de Marselha

de bom senso



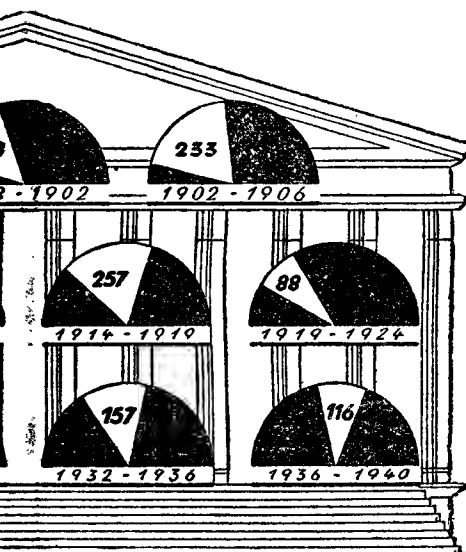
roduziu, sobre a politica externa, um
rvas. O presidente da Camara dos
a exposição, como se vê nesta gravura,
utemps e Campinchi

sim orientado pode reservar grandes
surpresas. Inclinado, ora á direita, ora
á esquerda, as suas flutuações são a
própria razão de existência. «O radica-
lismo declina-se no comparativo»—di-
zia Waldeck Rousseau. Não tem uma
mistica, mas tem uma doutrina. Não
revela fanaticos, mas congrega mil-
tantes devotados.

Salvou os restos do naufragio das
direitas que se seguiu á campanha an-
ti-clerical, e salvou, depois, a estrutura
dos sindicatos que são a grande força
das esquerdas. Isso lhe permite aderir,
ao mesmo tempo, ás reivindicações dos
proprietários que se julgam excessiva-
mente colectados e ao programa da C.
G. T.

O partido radical socialista conside-
ra-se o herdeiro e o depositario das
mais estranhas e antagonicas doutri-
nas, dos jacobinos de 89 e dos humani-
tarios de 48, dos moderados e dos anti-
clericaes, das «élites» e do povo.

A historia da França é para ele, co-
mo a revolução, um bloco. Nisso con-
siste a sua fraqueza e a sua força. A
Terceira Republica e o partido radical
socialista aparecem-nos assim insepa-
ráveis. Enquanto a Republica existir,
o partido tem uma missão. Para a cum-
prir, quantas surpresas nos reservará
ainda?



Radicais-socialistas tem conhecido diversas
radicais progrediu, continuamente,
e certa tendencia para o equilibrio e
dos do partido diminuiu de maneira
sensível

Contradições radicais-socialistas

Em vez da liberdade de trocas...
...a economia orientada

O Congresso de Marselha foi fértil em
contradições.

Logo na primeira sessão o ministro do
Comercio Fernand Gentin fez uma defesa
calorosa do que chamou a economia
orientada. Como a definiu este categori-
sado mentor do gabinete Daladier?

«O capital e o trabalho, disse ele, conti-
nuariam a ser regulados no quadro das
iniciativas privadas, mas o Estado, tutor
legal, ficaria encarregado de coordenar
as iniciativas existentes e mesmo de sus-
citar iniciativas novas».

Os militares devem ter olhado, uns pa-
ra os outros, bastante admirados. E o di-
reito á greve? E a semana das 40 horas?

Era toda a ortodoxia radical em mate-
ria economica que se afundava. Pouco
depois os intimos do sr. ministro das Fi-
nanças espalhavam que este era partidário
decidido da fiscalização dos cambios
e do embargo á saída de ouro.

O partido radical socialista modificava
alguns pontos essenciais do seu programa
de sempre.

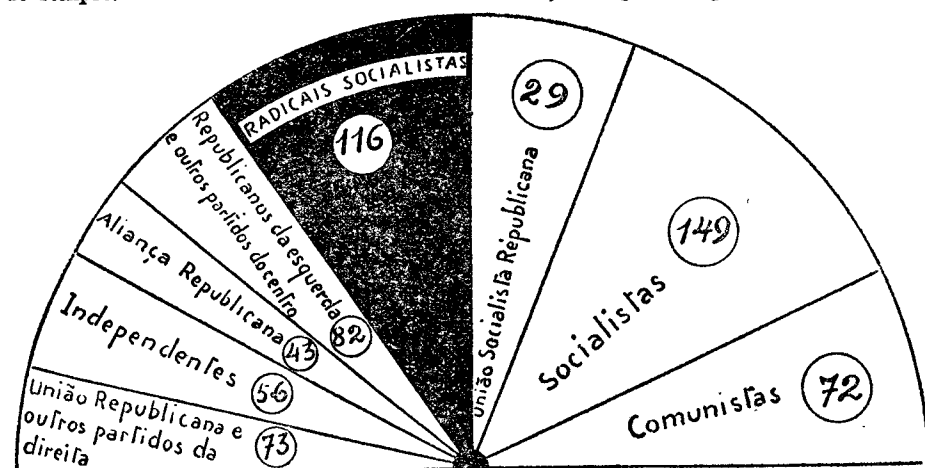


Camilo Chautemps representa bem a
tendencia do centro radical que
assegura a sua continuidade e a
sua permanencia no poder

mas o Congresso respondeu-lhe elegendo
o sr. Daladier.

Em vez da união das esquerdas...
...a aliança com as direitas

O Congresso de Marselha consagrou a
rotura da Frente Popular. A moção final
inclue um ataque cerrado á tática comu-
nista. Os elementos sindicalistas e socia-
listas corresponderam a esta atitude in-
tensificando a sua opposição. Deixaram
assim, a tregua de quinze dias que resta



Na Camara dos Deputados, o partido radical-socialista não chega a juntar
a quinta parte dos eleitos. A sua função no «leque parlamentar» é a de
uma forte minoria que precisa aliar-se com outros agrupamentos para
poder governar ou para poder colaborar no governo

Em vez de alianças orientais...
...a aproximação com a Alemanha

Foi o proprio chefe do governo que
pôs claramente o seu ponto de vista, em
matéria de politica externa.

«Entre a França e a Alemanha, disse
ele, ha poderosas razões para se estabele-
cer uma estima mutua que deve condu-
zir a uma colaboração leal».

Nada mais claro e mais categorico.
Mas nada também mais oposto á doutrina
e á acção radical. Antes da Guerra foi
um radical que emprestou á aliança com
a Russia todo o seu vigor e significado:
Teofilo Delcassé. Depois da Guerra foi
um radical que incansavelmente trabalhou
para que o pacto franco-sovietico se
tornasse uma realidade: Eduardo Herriot.
O radicalismo, em politica externa, reve-
lava mais uma das suas contradições e
fazia o que convencionou chamar politica
de realidades.

Em vez da frente das democracias...
...a amizade com as ditaduras

Percorrendo os relatos das sessões do
Congresso de Marselha não se encontra
uma referencia ou uma sugestão de ca-
racter ideologico. O partido procurará,
até á ultima hora, salvar as apparencias
caras ao eleitorado; mas as realidades e os
interesses immediatos dominaram os traba-
lhos dos congressistas.

Os oradores escutados e aplaudidos fo-
ram os membros do governo que em vez
da frente das democracias preconizaram
a amizade, ou, pelo menos, o entendimen-
to estreito com a ditadura: os ministros
Bonnet e Gentin, e o relator Aimé Ber-
thod.

O sr. Herriot marcou uma posição pes-
soal que teve o merito do desassombro,

ao sr. Daladier como prazo maximo para
que este organize a sua nova maioria.

O chefe do governo reforçou a função
das direitas no governo afirmando a sua
confiança em Reynaud. Fora do governo
negocia com Luiz Marin, nome que os
radicais puros até aqui consideraram in-
desejavel.

O radicalismo substitui a sua formula
«não ha inimigos á esquerda» por esta
outra: «os nossos aliados estão á direi-
ta».



Um verdadeiro chefe ignorado, Raul
Auband, que dirige a burocracia do
partido, organiza os congressos e
prepara as eleições, onde se ma-
nifesta a força radical-socialista

Que vai fazer o partido radical-socialista

Os radicais inclinam-se para a direita?

Antigamente a palavra de ordem do
partido radical socialista era: «não
conhecemos inimigos á esquerda».
Antes da guerra foram os aliados
eleitorais dos socialistas; depois da
guerra formaram com estes o cartel
das esquerdas, e com os socialistas e
comunistas, a Frente Popular.

Mas a experiencia, que os radicais
não desdenham, é fértil em lições. Ela
ensina-lhes que, nos momentos críti-
cos, o fardo das responsabilidades
deve ser igualmente suportado por to-
dos. A hora do perigo difere muito da
hora optimista dos proximos eleito-
rais.

O sr. Daladier não desdenha a cola-
boração das direitas. Na sua equipe,
apoiada oficialmente pelos comuni-
stas, inclui dois conservadores do mais
puro estilo; o sr. Reynaud e o sr. Man-
dei. Agora, antes de partir para Mar-
selha, converteu demoradamente com
o sr. Luiz Marin, chefe da direita re-
publicana na Camara.

As circunstancias impõem-lhe a ne-
cessidade de constituir, desfeita a
maioria da Frente Popular, uma nova
maioria parlamentar que o mantenha.
Porque não tornar mais estreitas as
combinações com a direita?

A França vai para a concentração?

E' nessa formula que, a final, pensa
o sr. Daladier. Concentração que iria
desde os radicais socialistas até á
União Republicana (grupo Marin). A
operação não deixa de oferecer difi-
culdades e de revestir perigos. O sr.
Daladier, adoptando-a, excluiria auto-
maticamente os comunistas, os socia-
listas e parte da União Republicana
Socialista (antigo grupo Boncour)
e dos seus proprios correligiona-
rios. Procuraria os votos de que
precisa no centro e na direita.
Ora o principal grupo do centro, a
Aliança Democratica, está em plena
crise, devido á attitude do seu chefe, o
sr. Flandin. E a União Republicana só
dificilmente se resignará a apoiar um
governo radical que nega muitas das
suas ideias e dos seus metodos.

A concentração é uma formula que-
rida á tradição politica da Terceira
Republica. Mas desta vez, concentra-
ção com quem?

Formar-se-á um governo nacional?

No meio da confusão, o chefe socia-
lista Léon Blum lança a sua receita:
governo nacional.

Um governo nacional seria a exclu-
são de Daladier. Os radicais socialis-
tas, que occupam uma posição que nem
a sua força eleitoral nem a sua força
parlamentar justifica, perderiam essa
posição.

Um governo nacional, tal como Léon
Blum o preconiza, seria a conjugação
dos esforços de todos á volta da Fre-
nte Popular e do seu programa. Não
afastaria, portanto, os comunistas
nem da maioria, nem do governo. Os
partidos da direita têm, a esse respei-
to, compromissos solenes a que não
querem faltar.

União Nacional? A verdade é que o
canhão prussiano ainda não se ouve
em Paris.

A França regressa á Frente Popular?

A hipotese não é de excluir.

O Congresso de Marselha aclamou o
sr. Daladier, que é o seu principal ad-
versario, e elegeu-o, por unanimida-
de, presidente do partido.

Mas ha as manifestações exteriores,
que são, e os interesses eleitorais,
que mandam. Os deputados radicais
encaram duas hipoteses: manutenção
do actual parlamento ou dissolução.
No primeiro caso são as eleições den-
tro de dois anos, no segundo são as
eleições á porta.

O partido comunista e o partido so-
cialista são hoje duas fortes organiza-
ções eleitorais. Muitos dos actuais de-
putados radicais conquistaram os seus
lugares apenas devido aos votos des-
ses dois partidos, na segunda volta do
escrutinio.

Comunistas e socialistas robustecem
a sua posição eleitoral, graças a uma
campanha demagogica de efeitos se-
guros. Que vão fazer os radicais? Su-
bmeter-se ou romper, não apenas nos
discursos, mas também nos actos?

PNEUS E CAMARAS D'AR

KELLY

Rua do Comercio, 8-3.º
LISBOA
Telef. 20809-21827 (P. B. X.)

MORADIA

Com jardim, aluga-se ou toma-se de trespasse, situada para além do lado ocidental da Av. da Liberdade. Resposta para a R. Eugénio dos Santos, 59.

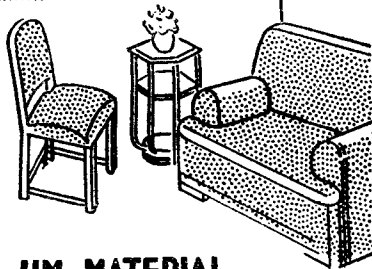
NÃO CONFUNDIR



A ÚNICA BOQUILHA EFICAZ!

Repr. Victor Chaskelmann & C.
Rua da Palma, 268—Lisboa

HAVAS



UM MATERIAL
INCOMPARÁVEL

Os móveis forrados com «Fabrikoid» Du Pont têm uma duração muito maior que a normal, porquanto este material não absorve o pó nem a sujidade e impede a criação de insectos e parasitas. As suas cores variadas e encantadoras prestam-se às mais artísticas e modernas decorações.



BETHENCOURT BROS. LTD.
Rua Aurea, 132-138—LISBOA
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216—PORTO



**Maria Emilia Figueiredo
Madeira**

FALECEU

Luiz Augusto Madeira, Laura de Figueiredo Madeira, Luiz Augusto Madeira da Costa Cabral e Abreu e mais família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento da sua querida e saudosa mulher, mãe e avó e que o seu funeral se realiza amanhã, 4, pelas 14 horas, da rua Emilia Neves, 15 (Benfica), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João

Trata Agencia Bentica



«COLOQUIO INTIMO»

O FITA AZUL:—Sou um Espumante Natural preparado meticolosamente com vinhos escolhidos na região de Lamego; Você já me conhece?

A QUALIDADE:—Pudéra, como não hei-de conhecer se estou integrada em si...



DEUTSCHE AFRIKA-LINIEN

C. las Alemãs de Navegação para África

PROXIMAS SAIDAS

África Ocidental	África Oriental	Norte da Europa
Tenerife, Las Palmas, Monróvia, Bata, Benito, Kogo, S. Tomé, Pointe Noire, Boma e Matadi:	Génova, Port Said, Suez, Port Sudan, Aden, Mombasa, Tanga, Zanzibar, Darressalam, Porto Amélia*, Moçambique*, Beira*, Lourenço Marques*, Durban, East London, Porto Elisabeth, Capetown, Luderitz-buchet, Walvischbay:	Southampton, Anvers ou Eotterdam, e Hamburgo:
ILMAR, em 13 de Novembro.	** USSUKUMA, em 20 de Novembro.	* UBENA, em 12/13 de Novembro.
UM VAPOR em 9 de Dezembro.	* ADOLPH WOERMANN, em 19 de Dezembro.	* NJASSA, em 22 de Dezembro.
UM VAPOR em 14 de Janeiro.	* NJASSA, em 16 de Janeiro.	* USAMBARA, em 18 de Janeiro.
	* Para estes portos só se admitem passageiros.	* Toca em Anvers.
	** Não toca em Porto Amélia	

AGENTES GERAIS:

Sociedade Insulana de Transportes Maritimos, L. da
Praça Duque da Terceira, 20
Telefones 2 9725-2 9726

ASFALTO



Impermeabilização e isolamento de terraços e cimento armado. Revestimento e protecção de superficies e construções metálicas, canalizações, algarozes, etc. Impermeabilização de represas, canais, tanques, poços e paredes húmidas.

Distribuidores: BETHENCOURT BROS. LTD.
Rua Aurea, 132-138—LISBOA
Agência ao Norte: SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216—PORTO



MCAMPOS

agua, cremes
pó de arroz
RAINHA DA HUNGRIA

A boa conservação de uma pele sem defeitos, exige o uso de produtos de beleza e de «maquillage» que não prejudiquem e antes mantenham a epiderme num estado constante de pureza, frescura e embelezamento.

A Água, Cremes e Pó de Arroz RAINHA DA HUNGRIA são produtos cientificamente puros e especialmente destinados para conservar a epiderme, limpar os poros, tonificar os tecidos, embelezando-os, e evitar a formação de rugas precoces.

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
TELEF. 21866—AV. DA LIBERDADE, 35—LISBOA

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

VESTIDOS E CASACOS

Fazem-se e transformam-se
P. do Brasil, 4, 3.º — T. 4 7340



— A tua mamã não costuma comprar elastico «OURELA»?

Dize-lhe que compre, para que nunca mais andes com as calças na mão.

Patente n.º 18.967

TAMARIZ

ESTORIL

Aos domingos:

Mariscos, Aperitivos, Refrescos e Chás
Aprazível recinto com divertimentos para creanças

Pensão Particular

Instalações modernas e confortáveis. Chauffage central. Águas correntes. Optima cozinha. Telefone 44219.

POR 5\$00

Semanais, todos podem adquirir Relógios de todas as marcas, joias e objectos em prata, inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Prestações, com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas, podendo o objecto ser adquirido á primeira prestação somente por 5\$00. F. de Sousa Torralis, Rua de S. Paulo, 106. Telef. 26508.

PARTEIRA
ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607
Partos, tratamentos, Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

Uma obra notável

«A CONSCIENCIA NUA E ABANDONADA»

O novo livro do dr. Joaquim Manso

Qual o significado deste novo livro de Joaquim Manso? O título que é a maravilhosa expressão dum poeta e dum pensador como que o isola num frio clima de melancolia e de solidão espiritual. Mas é, apenas, uma aparência.

Abrem-se as suas paginas, e o autor surge-nos como sempre, porventura, colocado agora em maior altura intelectual, procurando desvendar as soluções possíveis do destino humano. Eis uma atitude singular na literatura da nossa época, onde tanto rareiam os escultores das grandes formas do pensamento. Nesta vaga de incertezas tumultuosas, de dúvidas pungentes e de trágicas contradições, que cada vez mais alto assola a muralha desmoronada das verdades eternas, apontar um caminho, descobrir um porto, divisar uma estrela na imensidade para guiar os passos pelo seu fulgor é bem uma tarefa heroica, que demanda um severo esforço de consciencia.

Joaquim Manso bate-se com os fantasmas engendrados por uma falsa ou artificiosa filosofia, criando um mundo de perfeição moral que ascende numa parabola luminosa. Em cada encruzilhada do seu roteiro terrestre, com a sua profunda experiencia humana e através dum raciocínio puro, quasi matematico de precisão, ele ordena as suas ideias e os seus valores marcando os limites do que é a realidade e do que pode ser sonho, do permanente e do transitorio, da alma e da materia, da vida e da morte.

Escala todos os problemas, por vezes encontrando duras e asperas resistencias, que vence, procurando sempre mais alto, no eter luminoso, o reflexo vivo da certeza imanente.

'A Consciencia Nua e Abandonada' é um livro muito belo. Diríamos mesmo, se o autor não tivesse ainda muito que exprimir, mesmo para além da *Ultima Palavra*, que anuncia, que esta é a sua melhor obra, a mais rica e variada de intelectualismo criador, e a mais densa e profunda de finalidades espirituais.

Estamos mesmo em crer que se cada ser é determinado por uma missão, de que a chama recondita e misteriosa da alma é, porventura, o sinal divino, Joaquim Manso foi predestinado para discípulo da vida e mestre da morte. Constantemente, levanta inquirições, que julgamos não encontrarem respostas plausíveis. E, no entanto, o que ha nele de inquietação fremente, de fome de absoluto e de ansiedade cosmica é fulgurantemente modelado em termos precisos, de tal modo que a concepção analitica chega a ser excedida por uma especie de sonambulismo divinatório.

'A Consciencia Nua e Abandonada' ficará como um livro deste tempo e de todos os tempos, repositório de saber acumulado por uma clara educação humanista, e como o portico duma nova evolução espiritual.

O passado e o presente encontram-se nele num *tour d'horizon* a todas as idades, factos e incidencias humanas, perspectiva gigantesca, em que outro se perderia, se a seu lado não marchasse uma certeza: Deus.

Adivinha-se que Joaquim Manso vai já além das conclusões encontradas, e que

virtude e o pecado, o bem e o mal, a verdade e a eternidade têm a sua justa expressão.

Sairá o homem renovado deste admiravel livro, que é uma labareda de esperança, a-pesar do seu titulo? Decerto! Encontra nele não só com que purificar a consciencia, mas ainda, o que é mais im-

que Joaquim Manso testemunha, ofertando-se em holocausto a todas as experiencias e a todas as interrogações da sua propria inquietação. No fundo, o romance do homem e da sua consciencia, com aquelas interferencias metafisicas, cujos sinais são audíveis, mas não compreensíveis para o comum,—mensagens extra-terrenas das quais a nossa percepção capta o volume, mas não o significado.

Interessante é notar que as figuras do livro são arrancadas á eternidade, e que, portanto, lutando, permanentemente, claros contra sombras, desde que o mundo é mundo, não se repelem, como se o tempo se tivesse encarregado de as tornar, entre si, mais sociáveis e compreensíveis, a-pesar da dualidade, da distancia: Judas e Jesus, Pascal e Zarathrusta; Kant e Nietzsche. E essa distancia, «terra de ninguém» dramatica, que Joaquim Manso atravessa, sem cair nos penhascos calcinados, até encontrar gotejante de lagrimas, vertendo sangue de multiplas feridas, quasi irreconhecível entre as ruínas que a sepultam e os cardos que a pungem, uma humilde e esquecida flôr—*A Consciencia Nua e Abandonada*.

Cai sobre ela o orvalho luminoso das estrelas e a mão que avança não a pretende colher, mas reanimar-lhe o caule exausto, numa oferenda de alto preço, que denuncia a sua imortal presença.

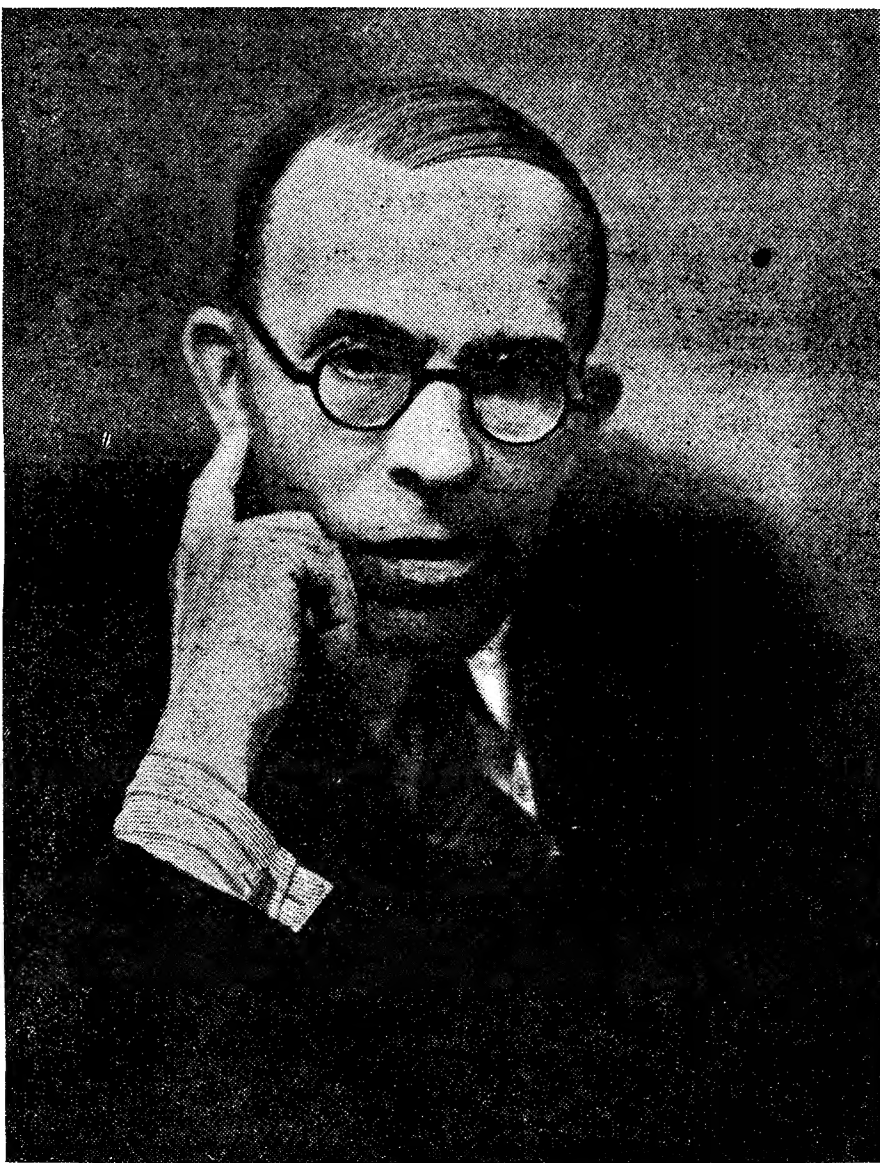
Ficará este livro—como o livro da consciencia humana, o seu melhor roteiro, sob os signos do mais alto e nobre pensamento.

As gerações como os desertos podem, no seu perpetuo movimento, alastrar o seu imperio de febre, desolação e morte, mas ha sempre através de todos os *simouns* de loucura, um oasis fresco de alegria e de sombra, onde brilha uma fonte que dessedenta os que se perderam por invios e retirados caminhos. Assim *A Consciencia Nua e Abandonada*.

E chegamos ao fim do livro, onde Joaquim Manso, nos reserva uma surpresa: o esboço dum romance, florilegio de graça e de ironia aladas, como que um regresso á terra portuguesa, depois de tão longe e tão alto ter ido, regresso alacre, como que um *scherzö* de primavera que encanta pela suavidade pastoril, de tão fundo extase lirico.

Esses fragmentos estão ainda dentro da estrutura da obra. São, por assim dizer, o premio da sua severa e nobilissima lição de humanidade. Joaquim Manso é um romancista que se ignora. *Repetição* pode ser o ponto de partida para obra mais vasta. Será mesmo o final da sua admiravel arquitectura literaria—fecho da abobada, sob a qual, como um novo Afonso Domingues, se poderá sentar, esperando na noite a claridade redentora que anuncia a ebriedade triunfal da luz!

ARTUR PORTELA



DR. JOAQUIM MANSO

(«Elché» de San Payo)

nos cimos onde chegou, o espaço denúniui; entre ele e o ignoto, assim como a terra, não já envolta em tenebrosos nevoeiros, mas definida, concreta nos seus relevos, e medida pelo labor do seu melhor obreiro.

Este não é negado, nem condenado, mas sujeito a uma escola moral, onde a

portante, como que a sua revalorização nesta interpretativa, que não é textual, podendo mesmo não ser perfeita: não abandonos o que te entregaram no primeiro sopro de vida e que a vida degenerou ou corrompeu.

Ficam assim, face a face, Deus e o indivíduo, num grave e dramatico dialogo,

Bibliografia

Sylvie Velsey, romance por Cilette Ofaire.

Eis um livro que revela uma admirável sensibilidade aliada a uma penetrante introspecção da alma feminina. Sylvie Velsey vai ficar, na literatura, como um dos tipos mais curiosos de mulher. O livro é duma singular ecumina. Trata-se dum romance, de intensa vibração, no decorrer do qual se vê a vida física e espiritual duma mulher.

Cada capítulo, porém, como que constitui uma novela independente. Esta composição corresponde á intensidade dos «momentos» escolhidos, como *étapes* da biografia de Sylvie. Cilette Ofaire, que já nos havia revelado o seu talento em *San Luca*, delicioso livro de Natureza, que é a história dum longo periplo fluvial através da Europa—manifesta-se neste romance uma poetisa da vida. A personagem por ela observada é uma rapariga infeliz, que pensa em afogar-se. Um casamento de amor com um pintor, é outro motivo de desilusão. A sua fidelidade, a sua dedicação, a sua paixão são outras tantas ilusões, que a realidade desmente.

Ante esta obra é impossível um movimento de resistência. Desde a primeira página, ela empolga-nos, de tal maneira o *clima*, o desenho das figuras e o conflito são notados com admirável emoção da realidade. *Editions Stock*.

Puissances de la Foi, romance de Marcello Fabri.

Este autor tem uma poderosa e estranha personalidade. Assombra e fascina, com a sua forma alucinante, onde as imagens como que referem. Se tivéssemos de comparar o seu estilo a qualquer coisa de material, diríamos que sugere um vulcão em actividade. O fogo crepita, e a terra e as rochas cremadas, em lavas ardentes, escorrem, traçando, no magro corpo da terra, estranhas e sinistras tatuagens. *Puissances de la Foi* é um romance, onde a realidade e o fantástico ora se chocam, em terríveis combates, ora se harmonizam em linhas serenas e tranquilas. O mais interessante é que Marcello Fabri, além do conflito externo, fixa o que se passa na câmara escura da sua consciência e da sua inteligência. O que ha de informe, de irrevelado, de caótico, mesmo até de incomunicavel na sua alma, rebenta em clarões fulgurantes, dum brilho extraordinário. No prefácio da obra ha uma confissão curiosa: «Ce petit roman a été écrit parce que la vie est noire. Parce que elle est vide. Et qu'il faut bien essayer de l'illuminer. De la meubler. Par fois...»

O período é curto, sacudido, intenso. Duas mulheres surgem neste livro, Migne e Marie Angélique, com as suas referências psicológicas, estudadas até ao amago, e também com qualquer coisa de espectral, de irreal. Marcelle Fabri é um escritor *sui-generis*. Descobriu uma maneira. Eis um nome que devemos fixar, porque o futuro se encarregará de o engrandecer. *Mercur de France*.

«*Le grand arame de l'Asie*», de Claude Farrère.

O grande escritor da «Batalha» e dos «Civilizados» volta aos seus assuntos predilectos do Oriente. Desta vez não se trata dum romance, de fundo exótico, mas duma reportagem vibrante, sobre o diferendium que separa a velha e encantadora China da avidez imperial do Japão. Farrère testemunha, em favor dos filhos do mikado, o que está bem dentro das suas ideias conservadoras. O que é curioso é ele ter encontrado, o Japão como ha quarenta anos, á parte ligeiras modificações. Podem crescer os arranha-céus em Tokio, Osaka, Kyoto, mas a alma do Oriente não desaparece sob a invasão da civilização do Ocidente. Esta continua sendo ali elemento estranho. A alma do Japão, diz Farrère, é eterna, profunda, «*Le grand arame de l'Asie*» é um livro de jornalismo, mas dum jornalismo que, em Portugal também já se faz, em que o jornalista é mais alguma coisa que um visual ou um concatenador de factos, isto é, um escritor, que modela o seu estilo em sínteses perfeitas, e os seus raciocínios em sinais claros e nítidos, tirando ilacções dos acontecimentos. Farrère é um escritor, mas esta sua obra revela algo mais: um grande reporter que sabe plasmar a realidade, na propria ocasião em que ela se produz fora dos gabinetes, onde o talento é para tantos um doloroso caso de teimosia e de impotencia criadora. Ha que ter este belo livro vivo e intenso que traça um dos panoramas mais curiosos e misteriosos dramas da vida contemporânea. *Edição Flammation*.

BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOÃO PAULO FREIRE (Mário) 20\$00
MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO... por NORBERTO LOPES 10\$00
O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVA TAVARES 8\$00
ALBUM DE CARICATURAS por FRANCISCO VALENÇA 10\$00
 Pedidos á Administração do «Diário de Lisboa».

Canção do impossível amor

A Carlos Queiroz

Em teus momentos de tédio
 avassalador e languido,
 compreendo ser eu o unico remedio
 capaz de dominar a dolorosa sensação
 de que és a tólha morta
 que o vento leva...

Em teus momentos tragicos de angustia
 em que te julgas onda que se esmaga
 de encontro á rocha nem sequer morena
 de tuas magoas,
 sei muito bem ser eu aquele sol
 que te apazigua castamente
 e aquece teus cabelos loiros de reflexos
 iguais
 aos mais!

Em tuas horas negras de desanimo
 em que te temes do pavor da luta,
 quando teus olhos de cobalto limpido
 são já suspiros que suspiram ceu,
 eu sou a tua voz-tonginqua
 que te promete novas pompas,
 novas venturas,
 e alegrias
 capazes de aquecer novamente as tuas esperanças frias!

Sou por isso o rouxinol
 que canta ao teu balcão a serenata
 de confiança e solicitação!
 Aguardarás eternamente a minha voz
 porque, a final, eu sou como o luar
 que é languido e perverso
 mas nunca suja
 de farinha limpa
 as nossas vidas...

Sou, a final, como o veneno caro
 das mancenilhas
 que faz dormir de gôzo,
 até morrer,
 a vitima de seus aromas peregrinos e gentis.
 Não quero o teu corpo
 nem sequer as duas luas do teu colo.
 Não te chamo minha amada
 porque, a final,
 não amo em ti senão a minha presença de Poeta
 e o lirismo impossível da minha flauta de arcadé!

Portimão, 20-X-938

MANUEL ANSELMO

Onde estão as praias perdidas?

A Jorge de Lima

Alguem poderá me indicar
 o caminho das praias perdidas?
 Quem saberá me dizer
 onde está a praia dos naufragos
 onde aportavam outrora os piratas
 á procura dum descanso fugaz?
 Ha por aí alguem que lá esteve
 e sabe onde fica esta praia?
 Sei que nela não vão mais os piratas,
 sei que nela só ha brancas tibias
 e cranios e demais ossos dos naufragos.
 Sei também que nestas praias perdidas
 nem mesmo aportam as aves maritimas
 dos lugubres pios, que moram nas rochas.
 Bem sei que nas praias perdidas
 só se ouve a voz do vento,
 só se ouve a voz do mar
 numa cantiga eterna e monotona;
 e que lá as palidas madrugadas
 trazem consigo uma tristeza infernal.
 Mas se alguem por acaso saiba informar
 que rumo seguir para lá se aportar
 me diga depressa, me diga depressa
 porque só nas praias perdidas
 o tempo não passa, o tempo não passa.

SERGIO SOARES (Brasileiro)

Literatura Romena

Antes de nos referirmos ao poeta Eminesco, figura de primeira grandeza, digamos alguma coisa dos valores intelectuais que o antecederam. Um deles foi Bogdan Patriceiro, Hasdeu (1836-1907), filologo e historiador que, reconhecendo a extensão da influencia eslava sobre a lingue romena, determinou os limites dessa influencia. Procurou explicações audaciosas na natureza, no clima e no solo, para exprimir a alma e o passado do seu povo. Existe uma tradução francesa da sua «*Histoire Critique des Roumains*».

Alexandre Xenopol (1847-1920) é outro grande vulto. Podemos-lo considerar sabio europeu, muitissimo apreciado no estrangeiro, como filosofo da historia, nomeadamente na Alemanha. Escreveu directamente em francês a sua «*Théorie de l'Histoire*». A Academia Francesa premiou em 1896 a sua «*Historia dos Romanos*». Tal qual como Hasdeu, Xenopol queria que os seus patricios fôsem romenos, antes de tudo. Ao contrario de Maiareco, que pensava que a verdadeira cultura devia exercer-se de cima para baixo, ele era de opinião de que a sua influencia devia fazer-se de baixo para cima, porque são as forças obscuras enterradas nas profundezas da raça que guardam as melhores características nacionais. Para ele «a experiencia dos seculos passados é o tesouro dos seculos vindouros».

Nicolas Iorga, nascido em 1871, é um discípulo de Xenopol. Depois de completar os seus estudos na Italia, Paris e na Alemanha, voltou para a sua terra, tendo sido, com a idade de 23 anos, nomeado professor da Universidade. Poeta na juventude, tornou-se depois dramaturgo e enciclopedista de destaque. Estudou o seu povo sob todos os aspectos. Publicou tantos livros de grande valor que compatriotas dele chamam-no: um fenomeno planetario. Existe dele, em francês, um «*Essai de synthèse de l'histoire de l'humanité*» (4 vol. Paris 1926). Iorga procura identificar-se com o universal e as suas conclusões como historiador são as dum moralista. Fulminam a amoralidade e a mocidade inutil, como combatem os acrobatas da literatura de palavras. Yorga foi também homem de combate.

Basil Parvan (+ 1927). É este o homo metaphysicus ansioso, cheio de incerteza, que aspira ao absoluto. Sabio, arqueologo e historiador da antiguidade, o professor Parvan é também um investigador das verdades puras. Pertence á nova filosofia visionaria e vaticinante, muito chegada á religião e á mística. As meditações de Parvan sobre o homem e o destino tem um cunho tragico, tendo exercido uma grande influencia nas novas gerações.

SUZANNE JEUSSE

Limbo

Brusco som de clarins. Anjos de asas metalicas vôam, deixando rastros fosforescentes. Nas cordas luminosas desta imensa harpa, mãos soltas no espaço tocam melodias. Tocam, sem parar, os dedos sangram, e das gôtas que caem sobre o solo calcinado, surgem flores ginandromorfas donde emanam novos anjos de rosto negro.

Ha olhos imensos que se descerram misteriosamente na penumbra, e de suas pupilas jorram, intermitentemente, fluxos de luz verde liquefeita. Os anjos negros banham-se nessa fonte, embranquecem e morrem. E dos cadaveres insepultos, flagelados pelos pés da multidão em fuga, rebentam vulsões e grandes cordilheiras glaciais.

Uma mulher de tribu desconhecida, mas filha da serpente, deita o branco corpo nu sobre o abismo, formando uma ponte entre os subditos do tirano dos subterraneos e os do despota das montanhas.

Ha uma longa guerra, e os filhos postumos dos que morreram em luta, perdem a lembrança e os estigmas dos pais, e vão morar no vale com mulheres que os anjos de asas metalicas lhes trouxeram.

Os vermes respeitam os corações e os olhos dos guerreiros. Respeitam os lagos de gelatina incolôr onde se reflectem novas rosas, novos celeiros, novas flores ginandromorfas.

Entre quatro colunas de marmore, em pé na relva recente, o Poeta, com um porta-voz, comanda a construção da nova cidade de Deus, e com um iman, atrae e incorpora á argamassa dos novos edificios, os corações e os olhos dos que sofreram a purificação final.

E com tochas de fogo, o Poeta escreve sobre os seios das primitivas mulheres, e sobre o seu ventre, os fundamentos duma nova vida, e dum novo mandamento, diferentes e contrarios aos professados pelo tirano dos subterraneos e pelo despota das montanhas!

Rio de Janeiro, 1938.

IVAN RIBEIRO



O Congresso de Cirurgia francesa atribue a sua presidência de honra ao poeta Paul Valéry. Este fez um interessante discurso sobre a cirurgia, e o seu principal instrumento: a mão. Eis algumas das principais passagens:

«Quand j'ai du penser quelque peu à la chirurgie, dit-il, je me suis pris à rêver assez longtemps, sur cet organe extraordinaire en quoi réside presque toute la puissance de l'humanité et par quoi elle s'oppose si curieusement à la nature, de laquelle cependant elle procède. Il faut des mains pour contraindre par ci par là le cours des choses, pour modifier les corps, les contraindre à se conformer à nos desseins les plus arbitraires. Il faut des mains non seulement pour réaliser, mais pour concevoir l'invention la plus simple sous forme intuitive. Songez qu'il n'est peut-être pas, dans toute la série animale, un seul être autre que l'homme qui soit mécaniquement capable de faire un noeud de fil, et observez d'autre part que cet acte banal, tout banal et facile qu'il est, offre de telles difficultés à l'analyse intellectuelle que les ressources de la géométrie la plus raffinée doivent s'employer pour ne résoudre qu'imparfaitement les problèmes qu'il peut suggérer».



A França celebrou agora o centenario do grande compositor Bizet, cuja gloria, em grande parte, é devida a opera «Carmen». Foi no dia 3 de março de 1875 que ela se estreou, em Paris, ante um

publico tão brilhante, como exigente.

Não se pode dizer que fosse um exito, muito pelo contrario. O libreto foi bem acolhido, mas a partitura foi assás criticada. Como Bizet todas as quarta-feiras jogava as cartas com Halevy e Meilhac, os dois famosos comediógrafos, alguém de espirito disse que o grande compositor tinha pela primeira vez perdido a partida.

Durante os ensaios da «Carmen», houve grande dificuldade em convencer as coristas, a fumar. Foi preciso obrigá-las, para assim darem mais caracter ao seu papel de «cigarreiras». De resto, o publico julgou um pouco ousado, pôr mulheres em cena a fumar.



Foi posto agora á venda em Inglaterra, um mapa editado pela Hamburg-America-Linie para uso dos seus passageiros. Esse mapa mede um metro e cinquenta por um metro, tendo sido impresso em inglês, na cidade de Francfort. O que torna a carta interessante é que as antigas colonias alemãs aparecem na mesma cor—amarelo vivo—que a Alemanha, incluindo a Austria e o país dos sudetas.

Sob a palavra Camarões em caracteres minusculos, lê-se: mandato francês, e com bons olhos pode decifrar-se «mandato inglês» no antigo sudoeste alemão e no Tanganica.

Vamos ler!

Acaba de aparecer o numero 112 desta interessantissima revista, a mais completa que se publica em lingua portuguesa e que tão elevado numero de leitores conta já em todo o país. «Vamos ler!» insere magnificas reportagens ilustradas sobre o actual momento europeu, a par de emocionantes novelas, assuntos historicos, artisticos, humoristicos, charadas e enigmas, cinema, modas, etc., etc.

A partir desta semana «Vamos ler!» passa a ser posto á venda todas as segundas-feiras. Assinaturas a preços reduzidos, na Delegação de «A Noite»—P. Restauradores, 13, 3.º—Telefone 2 9654—Lisboa.

Vamos ler!

APOLOGIA DA FICÇÃO

NOTAS PARA UMA MORAL DO TEATRO

Mallarmé, esse impar literario, que refugiava no encanto estranho da sua Arte, como numa pizide, os seus despeitos de professor de inglês p'ra viver a vida, esse raro em barba de fauno e sobrecaçaca tristonha, que, para a incompreensão hotentote da mor parte da chamada gente letrada, nunca passou dum extravagante indecifrável,—Mallarmé contava, uma noite, numa das celebres «quartas-feiras» da saleta da Rue de Rome:

—A minha neta é encantadora, e duma inflexibilidade toda lógica na inexperiencia dos seus seis anos loiros. Há dias entrega-me uma carta p'ra eu deitar no correio. Tinha esta direcção: «Para o bom Deus, no céu...».

Estava o grupo do costume: Henri de Régnier, com o seu bigode cénico de mandarim, uma gota de agua reverberando sobranceira, no disco translucido do monóculo; André Salmon, que compunha as suas crónicas com o mesmo lápis estridulo, que barafustava os seus «craquis» de tipos de Montmartre; Stuart Merrill, Fontaines, Camille Mauclair, pontífice duma religião que não exora deuses desatentos: a musica, e a um canto, formidoloso e impressionante na sua fealdade hostil, Paul Verlaine, doge do Tintoreto, que corresse o seu «Pédrito» metido na metempsicose sevandija, duma caridade de café, dum vagabundo dos quatro caminhos, alcoolico e vociferador.

Aconchegando ao pescoço uns velhos restos encardidos de lenço, Verlaine perguntou, então, a quem das fumaçadas de cachimbo:

—E você, Stéphane, deitou a carta?

—Pois naturalmente! Sabe-se lá!...

Este «sabe-se lá!» confere a todos os impossíveis mais escabeleirados de absurdo uma persuasiva e magnanima força de possível.

Tenho para mim que com o teatro se verifica o mesmo magnético sortilégio.

Jean Giraudoux afirmou, em tempos nas Nouvelles Littéraires que todo aquele que não saiba dar ás suas peças «a verdade do inverosímil», já antecipadamente pode contar com que elas lhe não vingarão, visto que menosprezou, ao tracejá-las, essa qualidade essencial, sublimada, que lhas faria triunfar.

E' de facto, assim.

Quantos que vão procurar, pálidos duma commoção mística frente á mentira aliciadora dos palcos, sentados na sua cadeira, como numa arquibancada solene de templo, o quinhão de boa-fortuna, que a vida lhes não deu!

Durante o dia suportaram as humilhações dos seus casos especiais de «individuos».

Tiveram de sorrir, com um nó de lágrimas a sacudi-los de aflicção.

Na insulsão do seu escritorio, ou na moinha

ingloria da sua secretaria, tiveram de alinhar numeros, abrir e fechar livros, registar pécas coisas inúteis, e com um ronron de voz repercutindo molmente de encontro a silencias turpidos de modorra, esmoer guturalidades de «sommas» e «transportes»:... e vão 4, e vão 6...

Tiveram de ouvir, amachucando por detrás das costas um cigarro enervado, os patões ou os chefes a pigarrearem recomendações escusadas, com o ar ovante de emitirem postulados absolutamente irrefutáveis.

Na rua, na poalha da sobretarde, embruxada de oiro e violeta, quando quinas de predios e perfis pernaltas de candeeiros, lanças de postes e amotinamentos de arvores começam de perder o duro agressivo das horas claras, para se envolverem num albornoz hierático de imprecisão e de noite,—na rua, quando betegas zanagas e avenidas enfáticas se ameigam e se alongam em surdinas doces de perspectivas, e tudo é um além-mundo extático do mundo, foi-lhes preciso interromper o monólogo em que iam, com a sensibilidade a borbulhar de bocados aureolados de versos:

O meu coração desce:

Um balão apagado...

Melhor fora que ardesse

Nas trevas incendiado...

... Ce ne sont pas des mains d'altesses,
De beau prelat quelque peu saint...
Pourant, une délicatesse
Y laisse son galbe succint...

para estenderem a mão ao conhecido, que os aborçou, grulha e intempestivo:

—Catita! Você por aqui? E com cara de caso... Temos conquista no horizontal

Bem. Mas agora, tendo ali defronte esses arremedos de lona pintada, que representam o gabinete de estar, da elegante Senhora Z..., com moveis de acaso, que sussurram, no entanto, tépidas sugestões de existencias gozosas, em que um quadrante subentendido vai marcando tic-tacs de horas deliciosamente frivolas,—agora, sim, são os imperadores discricionarios de eles mesmos, fechados na sua absorção como num casulo defensivo de miserias e irrisões.

Adeus aos asfixiantes ueguilhos do cotidiano infecto! Adeus ás curvadellas de espinha e aos desaprumos de animal batido, só para que não falte a moeda com que diligenciarão subsistir anos após anos, metidos a-troche-e-moche no balandrau civil dum «sr. Liborio, praticante de farmacia», ou do «amigo Esteves, fiel de armazem»!

Durante as horas escassas do espectáculo

“Ao Sul do Imperio”

O dr. Fernando Pamplona foi um dos jornalistas que fizeram parte da comitiva do Chefe do Estado, na sua viagem ás colonias. O reporter de forma cintilante conjuga-se, admiravelmente, com o escritor que sabe interpretar os factos, observá-los, e extrair deles como que um valor universal. Fernando Pamplona deu-nos agora, «Ao sul do Imperio», todos os passos da viagem do Presidente da Republica, com o seu cenário de grandeza, pintando, com viva sugestão, não só as figuras, mas as paisagens dessa Africa misteriosa, revelando-se um modelar cronista. «Ao sul do Imperio» vai ser lido com interesse, não só pelo significado, mas pela expressão literaria.



NOVIDADE
LITERARIA

JOAQUIM
MANO

A CONSCIENCIA NUA E ABANDONADA

15 ESCUDOS
Livraria Bertrand

Um grande livro sobre
um grande tema

esqueceu-se tudo, e o que apenas, na verdade interessa é o que confidencia o Conde ao seu subtil companheiro de bridge, quebrando a cinza ricaça do charuto, de escarpins enterrados no tapete falso de Birmania e a fazer valer á luz a agua prismática dos seus aneis.

Nós bem sabemos que uma vez corrido o pano o tal conde farfalhando orgulhos de quediya e com cabuchões mentindo nos dedos a a sua canção de insolencia, não passa dum pobre diabo de actor, vexado de ardis para não se lhe perceber que o fraque é um disfarce das pantalonas moidas, e com a ulcera do jantar fiado, que não sabe se poderá pagar no dia seguinte...

Nós bem sabemos isso.

Mas que importa? Se, durante o dialogo, por um fluído poder de mimetismo, nós fomos, a um tempo, o dandi titular e o companheiro subtil; se collocámos tambem as cartas, com um fastio compósito, armoriado de raça, nesse jogo precauteloso, dos cinco sentidos, que ambas as personagens jogaram em cena, a rememorar intimidades ardentes da Suzy, alvéola trigueira de olhos de hulha, subversivos...

Eh, que importa lá que a majestática baronesa de Três Estrelas, alta e flexível como durindana, logo que morra no espaço o ultimo apiauso, matraqueado pelo ultimo estralar incontinente de mãos, e que ela agradeceu com um requebro impostor de grande dama de oleografia,—reentre na sua estrutura morna de actrizinha, que nas cartas que escreve incrusta tantos erros pelo menos como a sua criada, e, fula e descomposta, bradiz, p'r'ós que a amofinam:

—Ha—dem pagar-mo!

Ela foi, com o seu perfil quebradiço, todo em dolencias de caule sensitivo; com o terciopelo castanho dos olhos, poisando nas coizas em vibrações musicais de asas arjantes, dedos de anêmona branca incurvando gestos que são poemas castos de ternura, ela foi, a Electra piedosissima dos nossos Sonhos, o instante propiciatório dos nossos ajoelhamentos...

Ah, pudesse esse instante perpetuar-se no Tempo!

* * *

Quando uma peça se revista dum embrechado pedante de teses, claro que falseia o seu intrínseco papel de difundidora de irrealidades possíveis.

Muitos ainda pensam que numa esquerda, ao fundo, ou entreportas, á direita, seja eficaz anichar résteas de panfletos que vão explodir, e que não resulta desairoso, pelo despropositado, que dois senhores que contracenam com as mãos nos bolsos dum roupão de quarto, signifiquem artigos doutrinários em acção, ideologias que franzem o sobrolho, protestos sociais que atravessam o soalho numa diagonal impaciente, revindictas carregadas de futuro, como as garrafas de Leyde das experimentações fisicas.

E' talvez um extravar de combatividades.

Todas essas coisas ficam bem nos compendios que se lêem, ou que se não lêem.

O teatro deve ser apenas,—espectaculo.

As peças de Ibsen, o que nos mostram senão intensas tapearias murais dum extraordinario fresquista de caracteres?

A Nora, de Uma casa de Boneca, é uma colombine inquieta, perpassando num fio tenue de luar, e que enfeitam todos os pierrots da vida garrula e da estouvancia fresca, estrepitosa, numa zoeira obstinada de pequenos guizos de prata.

Verdade seja que vieram os comentadores e a transformaram num paradigma das reivindicações femininas.

François de Curel, numa entrevista que deu a poucos meses do seu desaparecer, afirmava que todas as figuras que punha a movimentar nas suas obras não possaram de consubstanciações de casos que queria que lhe tivessem acontecido na vida e que todas as suas «pessoas dramaticas», mesmo as piores, eram amostras do que ele sentia que, numa determinada crise nervosa, e dadas as circunstancias que ele imaginara, podia ter sido, e cheio de saudade, porque o não foi...

Nunca procurara demonstrar nada, mas simplesmente estabelecer para si o paralelo entre aquelas existencias tão coloridas e chamejantes de teatralidade, e a neutra insipidez dos seus lazeres de gentilhomem, metido no campo, de janeiro a dezembro, com uma caçadeira desinteressada a vitimar codornizes, ou a carcomir-se no escabecear escarlata dos grandes lumes de inverno.

Nada demonstrar, por conseguinte, mas mostrar, apenas, aos nossos impossíveis cotidianos que o que se desenrola para além, entre paredes facticias, equivale a outros tantos possíveis de nós mesmos, exultantes e compensadores,—eis o que deve constituir a preocupação basica do escritor de teatro.

CARLOS PARREIRA

OS LIVROS DA SEMANA

Prometemos voltar ao problema do formalismo e da universalidade da expressão poética. Eis-nos de novo perante ele.

É de facto curioso meditar-se nas diferenças que extremam os campos da poesia formalista, espectacular e da poesia essencialmente formal. Já vimos como o formalismo traduzido pelo jogo das imagens, pelo brilhantismo das metáforas e pelo colorido da musicalidade permite transpor com relativo êxito a outra língua aquilo que constitui uma virtude fundamental de um poema. Pensando assim, não estou só. Raissa Maritain, no seu ensaio *Sens et non sens en poésie*, escreveu: «Na maior parte dos casos a tradução de uma poesia dilui a poesia, a menos que essa tradução seja em si mesma um novo poema em simpatia com o primeiro, uma des-
«correspondência» em que as intuições «se respondem». Elementos poéticos há, porém, que se prestam à tradução: o jogo das imagens, a surpresa intelectual que suscita a sua aproximação, um certo jogo espiritual, mesmo quando a inspiração é trágica, um certo «divertimento» superior e refinado podem passar de uma língua a outra por um trabalho de adaptação que não é nefasto à poesia». Eis, pouco mais ou menos, o que eu próprio escrevi um dia. Por este lado o problema parece-me esclarecido. Falta o outro. Falta o da poesia essencialmente formal. É esse que nos preocupa agora.

É bom que nos entendamos. Para que alguma luz possa jorrar destas considerações há que afirmar peremptoriamente de que para mim a poesia não é discurso, nem narração do que quer que seja. Não lhe nego, todavia, esse direito. Mas, mesmo na poesia, que se serve do discurso e da narração só é de considerar poético aquilo que transcende o discurso e a narração. Quero dizer: a poesia é para mim uma virtualidade do poema. Para mesma tensão. Portanto, inútil tentar associar as ideias do poema ou a sua história temporal à sua essência poética. São-nos indiferentes as ideias do poema; é-nos indiferente aquilo que nesse poema se pode reduzir a uma tradução por outras palavras. Qualquer que seja a originalidade do pensamento de um poeta a sua obra não será poesia desde que esse pensamento não suba nela à tensão meramente poética por virtude da qual o pensamento se metamorfoseia em pura emoção—em êxtase poético. Que importaria a filosofia platónica de Camões glosada no poema *Sobolos rios que vão* desde que este poema não tivesse a tensão poética que dele faz pura emoção de poesia. Que importaria a profundidade do pensamento de Antero, desde que esse pensamento se não houvesse transfigurado poeticamente nos sonetos.

Posto isto, regressemos ao que importa. Aquilo a que eu, por comodidade, acabo de chamar *tensão poética* pode manifestar-se de muito diferentes maneiras. Em certos poetas essa *tensão* é puramente formal. Pode ser manifestada pelo tal jogo de imagens ou o tal «divertimento» superior de que fala Raissa Maritain. Pode ser expressa por uma força emocional directa: é o caso de certos poemas de Alvaro de Campos (Fernando Pessoa). Mas também se pode revelar no próprio arranjo verbal, na qualidade das palavras, no balanço da frase, numa escolha de termos e imagens de significação essencialmente musical. Penso, até, que em última análise tudo se reduz a este misterioso prestígio das palavras que antes de exprimirem ideias ou desejos foram simples vocalidade—sons elementares. E isto é verdade de toda a poesia, até mesmo daquela que mais indiferente parece ao prestígio da forma. É verdade da poesia em que a música é como que uma emanção do poema indefinível na significação e nebuloso na forma. Mas é sobretudo verdade da poesia refinadamente intencional da forma.

Eis a poesia mais difícil de traduzir. Mas difícil não quer dizer impossível. Há que reconhecer a beleza de certas traduções. Repare-se, contudo, que para traduzir poesia, ou se transpõe o poema para prosa, ou procura dar-se-lhe um «correspondente» poético na língua para que se traduz. O primeiro é o caso da tradução francesa de os *Lusiadas*. O segundo o das traduções portuguesas dos poemas de Poe. Quem lêr a obra de Camões em francês, não perderá evidentemente nada daquilo que em os *Lusiadas* é histórico, mitológico ou anedótico. A verdade, contudo, é que os elementos históricos, mitológicos ou anedóticos da nossa epopeia não são o poema de Camões. A prosa afastou a poesia de os *Lusiadas*. Pergunta-se: haveria maneira de conservar noutra língua a virtualidade poética dos seus versos? Leia-se:

Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a maritima gente tem por Santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto,

Poder-se-ia encontrar noutra língua qualquer coisa que repetisse a sugestão musical deste: Vi, claramente visto, o lume vivo? Parece-me que não. Nem mesmo que se abandonasse a tradução literal se poderia achar por «correspondência» a sua poesia. E nesse caso já não seria

OS SONETOS DE ANTONIO BOTTO

PRIMEIROS VERSOS

por JOAQUIM AUGUSTO CORREIA

MOCIDADE LIRICA

sonetos e rimas dispersas por AFONSO DE CASTRO

propriamente uma tradução, mas «correspondência». E esta «correspondência» não é sempre possível. Lembremo-nos de que os estrangeiros podem ser insensíveis aquilo que nós poderemos considerar como a beleza essencial de um poema. Por melhor que se conheça uma língua há na aspectos impenetráveis a estrangeiros. Regia geral o que nela é impenetrável constitui a sua suprema virtude. A mais alta poesia formal é aquela que põe em jogo as impenetráveis subtilidades da língua. Por isso os franceses podem considerar de uma beleza incomparável um verso para nós tão pouco significativo. Como, por exemplo, este de La Fontaine:

... dont les pieds touchai ent à l'Empire des Morts

ou os ingleses afirmar que a maior beleza das tragédias de Shakespeare não está no seu patetismo mas em expressões formais como estas:

The gods are dead,
And there is nothing left remarkable
Beneath the visiting moon.

Quere dizer: aquilo a que eu dia chamei «virtualidade da poesia» é qualquer coisa de tão inseparável da forma nos poemas de refinamento verbal que se pode afirmar a sua quase impossível comunicabilidade de uma língua a outra. Mas, quer o poema seja formal quer o não seja, acrescentaremos, as «virtualidades poéticas» são sempre o elemento verdadeiramente intraduzível da poesia. Por isso podemos dizer, com Shelley: «hence the vanity of translation».

* * *

Estas considerações, necessárias para responder a uma objecção que me foi formulada num artigo da *Seara Nova*, não são de todo indiferentes ao tema da crítica de hoje. É do ultimo livro de Antonio Botto que se trata. Desta vez Antonio Botto abandonou a canção, mais ou menos vasada na medida métrica da redondilha, e consagrou-se inteiramente ao soneto. Num país em que toda a gente cai no comodismo e nas situações estaveis, este esforço de renovação de um poeta que achava já a sua «maneira» não pode deixar de despertar simpatia. Resta inquirir se a poesia de Antonio Botto se enriqueceu com esta tentativa de renovação. Inútil perguntar se se empobrecceu. Quando um artista tem após si duas ou três obras primas nada do que venha a fazer destruí-lo esplendor dessas obras. O tempo—o juiz implacável—não deixará de trazer à luz as obras primas e de mergulhar na sombra as outras obras. Nunca por isso os *Sonetos de Antonio Botto* (Lisboa, 1938), mesmo na hipótese de não valerem as canções, poderiam ofuscar o valor da obra deste poeta.

Diga-se o que se disser, tenho procurado sempre julgar a obra de Antonio Botto com imparcialidade. A's insinuações fáceis e ás palavras levinas respondo as minhas críticas aqui publicadas a diferentes livros deste poeta. Quem me quiser julgar, julgue-me, mas não o faça sem estudar as peças do processo. Com isto quero dizer que mais uma vez vou ser imparcial no meu juízo sobre Antonio Botto. Vou justificar por que não posso considerar os *Sonetos de Antonio Botto* ao nível das suas mais belas canções.

Algumas das considerações introdutórias deste artigo podiam aplicar-se á obra de Antonio Botto. A sua poesia é, contra todas as aparências, dificilmente traduzível. Aquilo que nela é «virtualmente poético» afigura-se-me incomunicável. Porquê? Porque a poesia de Antonio Botto é essencialmente formal. Não vem para o caso dizer com minúcia porquê. Importa, no entanto, frisar este facto. Nela estão a grandeza e os limites da sua poesia. Quem a pretender analisar cego aquilo que nela é beleza formal pode julgá-la erradamente. Nela fudo vive em função da própria expressão verbal. Mas — o isto é importante — o formal da poesia de Antonio Botto nada tem que ver, com o lapidar. A sua forma é rica de sentido, de conteúdo. Está simultaneamente longe do parnasianismo e do simbolismo. É uma poesia em que as mais altas virtudes estão ao mesmo tempo no poema e fora dele. Isto é: a poesia de Antonio Botto, em vez de nos atrair para si mesma, expulsa-nos. Em vez de egocêntrica é excêntrica. Quere dizer: o seu significado é-nos surgido pelo poema, mas está

no mundo. Os poemas de Botto descrevem-nos o que quer que seja que nós podemos ver com os nossos olhos ou medir com a nossa imaginação: referem-nos *objectos*. Daí o seu objectivismo, a sua dramatização, o seu realismo. Mas tudo isto—objectivismo, dramatização, realismo—surge neles em função de um poder expressivo directamente ligado ao estilo formal do poema. Esse formalismo não é, porém, de significação psíquica, de projecção extática—e dinâmico: atrai o leitor para o mundo real. Por isso a poesia de Antonio Botto é naturalmente descritiva: descritiva e discursiva. Um poema de Antonio Botto conta sempre seja o que for. Daí a sua fluência. É necessário lê-lo de ponta a ponta para se entender, para se lhe sentir a beleza. Um verso só pouco exprime na obra de Antonio Botto. Daí também de certo modo a sua modernidade, não obstante o muito que nela ha de classicista.

Sumariamente expostas estas razões, já vamos ver em que podem elas concorrer para que Antonio Botto não se sinta de todo á vontade dentro da forma clássica e lapidar do soneto. Quando um poeta tem um molde, só lhe resta enchê-lo. Nada impede, portanto, o poeta de encher esse molde como quiser. Pode começar pelo principio ou pelo fim. Muitas vezes começa pelo terceto final. É o fecho que determina muitas vezes no soneto o desenho do edificio. Quere isto dizer que um soneto vale menos pelo que significa no seu desenho logico do que pelo que exprime, verso a verso, de altitude poética e de fogo lirico. Alguns dos mais belos sonetos são puras metáforas: um encadeamento de sugestões desconexas para justificar o terceto final, onde a metáfora explode em sentença, em síntese ou em simples jogo verbal. Quere isto dizer que o ultimo terceto de um soneto pode estar—e está quasi sempre directamente ligado ao terceto anterior e ás duas quadras. Mas a ligação entre os varios termos métricos do soneto não é necessariamente causal. Um soneto não é por natureza uma composição literaria em que a beleza seja excêntrica ao proprio soneto: está nele mesmo. Isto explica a atenção que lhe têm dado poetas como Mallarmé. Todos os poetas para quem a poesia é um concentrar de elementos numa formula tanto mais rica quanto mais cerrada nas suas proprias paredes formais prezam o soneto.

Os poetas de ritmo humano e de génio descriptivo escolhem outros metros. Antonio Botto tem preferido até agora a forma em que a sua inspiração podia mais livremente prestar-se á permeabilidade do proprio mundo objectivo. As canções de Botto, no seu recorte irregular e no seu desenho caprichoso, traduzem bem a psique de um poeta que não pega na pena para exprimir nebulosidades de inspiração ou abstrações de sentimento. Antonio Botto, em cada uma das suas canções, conta-nos qualquer coisa: ou um caso puramente psicologico, ou um episodio dramático, ou um pormenor plastico, ou uma cena relembrada. Para isso a sua voz toma os acentos livres e as inflexões proprias ao proprio narrar do poema. Para isso as suas canções tanto podem ser de quatro versos como de vinte. Terão os versos indispensaveis para que seja contado o que se quer contar: a confidencia, a observação, a reminiscencia, o lamento, o conselho. De tudo isto nos falam os poemas de Antonio Botto.

Eis por que o soneto—molde imposto—me parece ter obrigado Botto a forçar neste livro a sua propria inspiração. Inibida de se lançar nas volutas caprichosas de uma composição sem traçado prévio, a inspiração poética de Antonio Botto não voou: não voou o que devia ter voado. Sim: é bom não esquecer que ha em os *Sonetos de Antonio Botto* a personalidade de Antonio Botto. Mas a verdade—a verdade que não devo ocultar, embora seja apenas a minha verdade—é que muitos destes sonetos nos dão uma errada ideia do talento poético de Antonio Botto. Aquilo que em outras suas composições poéticas é orgulhosamente prosaico na aparência mas profundamente poético no arranjo e na sugestão surge nos sonetos apenas prosaico. Um soneto não serve para contar independentemente da beleza poética de cada verso. É necessário que cada verso de um soneto seja belo em si mesmo. Eis o que não acontece com muitos dos sonetos de Antonio Botto. Se em certas quadras os versos têm uma certa beleza em si mesmos—vejamos esta:

Querer-te mal, porquê? Foste quem eras:
Um corpo gentilissimo, perfeito,
Que se amoldava ao meu e a qualquer jeito
No pantano de todas as quimeras!

noutras são prosaicos:

Deixei de procurar-te e com razão,
Depois de tanta coisa prometida
Que em promessa ficava diluida—
Era esta, afinal, a reacção...

Isto não que diz respeito ás quadras; nos tercetos ainda ha menos virtudes poeticas. A síntese explosiva que deve ser o fecho do soneto raramente aparece neste livro. O pendor analítico-descriptivo da poesia de Antonio Botto não o favorece neste jogo mais ou menos convencional que é o fecho do soneto com chave de ouro. Já um dia o escrevi: as canções de Antonio Botto são como o desenrolar de uma espiral. A sua poesia é essa mesma curva lenta e voluptuosa que a canção faz desdobrando-se. Nada mais antagonico da poesia propria do soneto.

Ressalvado isto, fica ainda a personalidade de Antonio Botto. O que ha de subtil e de torturado no seu drama psicologico lá transparece em os *Sonetos*: verdadeira casuística do amor e da amizade.

* * *

Tem Antonio Botto exercido grande influencia na mais jovem poesia portuguesa? Sem duvida. Mas a verdade é que aqueles mais directamente influenciados por ele perdem de todo a personalidade propria. Perdem-na, aqueles que a têm, claro. E o mais curioso é que certos poetas que têm negado Botto—poetas não de todo jovens—começam a imitá-lo. Naturalmente continuando a negar-lhe valor. Não é este, de resto, o caso do jovem poeta Joaquim Augusto Correia. Os seus *Primeiros Versos* (Lisboa, 1938) denunciam-no discipulo confesso de Antonio Botto. De facto, seria inútil negá-lo. Aqueles que ainda persistem em recusar originalidade á poesia de Botto não poderão negar que antes dele ninguém escrevia um poema assim:

Se tu quiseses
Vai ver-me...
Mas olha:
—Vai só!

O nosso amor
É segredo...

E se um dia vires lagrimas
No meu rosto amargurado
Não me perguntes
Porque choro...

Porque sempre chorei —
Um amor que morreu...

Evidentemente que Antonio Botto faria melhor; mas tudo aqui é dele. O grande perigo da influencia da poesia de Botto é a facilidade com que ella se reduz a receita. O estilo é como o ovo de Colombo. Depois de Antero, de Nobre, de Sá-Carneiro ou de Botto é facil repetir-lhes a «maneira». Dificil foi ori-la. Aqueles que chegaram á posse de um estilo, realizaram-se: revelaram-se a si proprios. Mas aqueles que simplesmente os imitam não passarão de imitadores. Eis o perigo que ameaça Joaquim Augusto Correia se não souber evitar a facilidade que lhe deu o ter encontrado já feito o estilo poético que empregou neste seu livrinho.

* * *

Mocidade Lirica (Imprensa do Douro, Régua, 1938) é um livro de versos de Afonso de Castro. Pelo prefacio, escrito em 1930, e da autoria de Alberto de Oliveira, depreende-se que o poeta é jovem. Mas de uma nota do poeta Afonso de Castro escrita oito anos depois (em 1938) fica-se com a impressão de que o poeta não é já. Isto leva-nos a não saber que indulgencia havemos de pôr no nosso juízo. Se se trata de um livro de um jovem: diremos que os seus versos denunciam talento poético, mas falta de personalidade. E acrescentaremos: talvez a personalidade venha depois. Virá com o amadurecimento. Mas se o poeta já não é um rapaz, diremos mais duramente: apreciámos a sinceridade da sua alma, embora não vejamos que valha a pena publicar livros para se repetir, com mais ou menos terrura, mas sem personalidade, aquilo que outros poetas já disseram com ternura e personalidade. Eis a nossa opinião.

JOÃO GASPAR SIMÕES

P. S.—O meu ultimo artigo vinha desfigurado pelas gralhas. Pelo menos ressalva-se esta: onde se lê *forte*, na quarta linha da primeira columna, leia-se: *fôrse*. Do resto não vale a pena falar. Os indulgentes compreenderão; os outros... farão que não compreendem.